



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ELLEN GRAZIELE DE SOUSA DIDI

O FERRO VEI:

Memórias sobre carnaval e prostituição em Inhuma-Piauí (1984-2009)

PICOS-PI

2013

ELLEN GRAZIELE DE SOUSA DIDI

O *FERRO VEI*:

Memórias sobre carnaval e prostituição em Inhuma-Piauí (1984-2009)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

Orientadora: Prof.^a Ms. Olívia Candeia Lima Rocha.

Eu, **Ellen Grazielle de Sousa Didi**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 26 de setembro de 2013.

Ellen Grazielle de Sousa Didi
Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

D556b Didi, Ellen Grazielle de Sousa.
O Bloco ferro vei: memórias sobre carnaval e prostituição em Inhuma – Piauí (1984 – 2009) / Ellen Grazielle de Sousa Didi. – 2013.
CD-ROM : il; 4 ¼ pol. (91 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.
Orientador(A): Prof. Msc. Olivia Candeia Lima Rocha

1. Carnaval. 2. Prostituição. 3. Seminudez. I. Título.

CDD 394.25

ELLEN GRAZIELE DE SOUSA DIDI

O FERRO VEI:

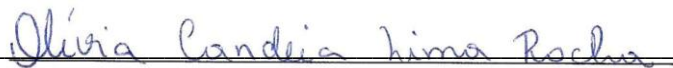
Memórias sobre carnaval e prostituição em Inhuma-Piauí (1984-2009)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

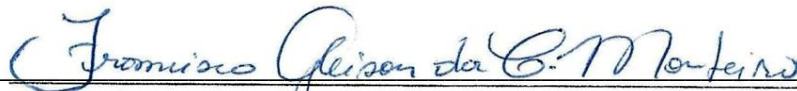
Orientadora: Prof^a. Ms. Olívia Candeia Lima Rocha.

Aprovada em: 18 / 09 / 2013

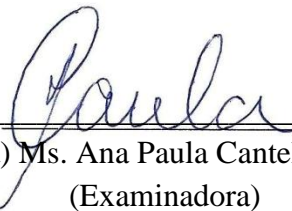
BANCA EXAMINADORA



Prof(a) Ms. Olívia Candeia Lima Rocha
(Orientadora)



Prof(a) Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
(Examinador)



Prof(a) Ms. Ana Paula Cantelli Castro
(Examinadora)

Dedico a Deus e à todos que tornaram possível a
concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por iluminar os meus caminhos nesta jornada;

Aos familiares – em especial minha “Mãe Lena” e minha tia Zezé – pela oportunidade de obter um curso superior;

Aos amigos que me apoiaram nestes longos cinco anos de vida acadêmica;

Aos meus entrevistados e “intermediadores de entrevista”, pelo fornecimento de informações imprescindíveis à realização deste trabalho;

À minha orientadora, Olívia Candeia Lima Rocha, pela paciência e disponibilidade.

Sem essas bases, não seria possível a concretização desse sonho. Muito Obrigada!

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

(Jacques Le Goff)

RESUMO

A partir deste trabalho, que utiliza como perspectiva a História Cultural, analisamos uma versão/representação sobre um bloco de carnaval de Inhuma-Piauí: o *Ferro Vei*. Este foi criado por D. Maria de Odila, dona de um cabaré – cujo nome deste deu origem ao nome daquele bloco – e por prostitutas que aí trabalhavam e viviam. Tendo em vista que o bloco foi criado por prostitutas, que desfilavam seminuas, buscamos compreender a importância desses sujeitos para o Carnaval de Inhuma e os motivos pelos quais os cidadãos toleraram essas práticas por muito tempo. Além disso, buscamos analisar porque e como a seminudez das prostitutas foi interrompida apenas no ano de 2009. Nesse sentido, o bloco *Ferro Vei* é contextualizado entre os anos de 1984 e 2009. Este trabalho é baseado no método da História Oral e nas pesquisas bibliográficas.

Palavras-chave: Carnaval. Prostitutas. Seminudez.

ABSTRACT

From this work, which uses as a cultural history perspective, we analyze a version/representation about a block carnival Inhuma-Piauí: The *Ferro Vei*. This block was created by Maria de Odila, owner of a cabaret - whose name gave rise to the name of that block - and prostitutes working there / lived. Considering that the block was created by prostitutes who paraded semi-nudity, we seek to understand the importance of these subjects to the Carnival of Inhuma and the reasons why the townspeople tolerated these practices long. Furthermore, we analyze why and how semi-nudity prostitutes was interrupted only in 2009. In this sense, the block *Ferro Vei* is contextualized between the years 1984 and 2009. This work is based in the method of oral history and in the literature searches.

Keywords: Carnival. Prostitutes. Semi-nudity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Ilustração 01: Localização de Inhuma-PI | 17 |
| Ilustração 02: Localização rodoviária de Inhuma-Piauí | 18 |
| Ilustração 03: Prostitutas do Bloco <i>Ferro Vei</i> desfilando seminuas..... | 60 |
| Ilustração 04: Pessoas aplaudindo o desfile do Bloco <i>Ferro Vei</i> | 62 |
| Ilustração 05: Pessoas assistindo e acompanhando os desfiles do Bloco <i>Ferro Vei</i> | 67 |
| Ilustração 06: Homens travestidos na década de 1990 (Francisco Adailson de Carvalho de saia | 71 |
| Ilustração 07: Percurso inicial do Bloco <i>Ferro Vei</i> na Avenida Presidente Castelo Branco: À frente o baterista, de boné e camiseta | 74 |
| Ilustração 08: Carnaval de 2009 – D. Maria de Odila, o sanfoneiro e o baterista (em cima do carro). Ao lado do carro, a primeira dama (de blusa azul-marinho) e o prefeito (de camiseta vermelha) | 75 |
| Ilustração 09: D. Maria de Odila, em cima de um carro vermelho, acenando para os foliões no desfile do Bloco <i>Ferro Vei</i> no ano de 2009 | 76 |
| Ilustração 10: À frente prostitutas de blusas rosas e shorts verdes; atrás, o prefeito, de camisa vermelha, e ao lado direito dele sua esposa | 78 |
| Ilustração 11: Desfile do Bloco <i>Vai quem quer</i> , antigo <i>Ferro Vei</i> , no ano de 2009..... | 84 |
| Ilustração 12: Rapazes travestidos nos desfiles do Bloco <i>Ferro Vei</i> , em 2009..... | 86 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 INHUMA-PIAUI: Da capela ao carnaval | 17 |
| 1.1 As Festas na cidade | 21 |
| 1.2 O Bloco <i>Ferro Vei</i> : Origens do carnaval de Inhuma | 23 |
| 2 AS PROSTITUTAS E O CABARÉ: Sujeitos e espaços marginais | 32 |
| 2.1 A mulher: Entre a Santa Virgem Maria e a Eva Pecadora | 32 |
| 2.2 Entre facas e espingardas: Memórias sobre o cotidiano do <i>Ferro Vei</i> | 41 |
| 2.3 As Prostitutas do <i>Ferro Vei</i> : Memórias sobre preconceito e discriminação | 48 |
| 3 O FERRO VEI: Carnaval e inversões | 54 |
| 3.1 As prostitutas do Bloco <i>Ferro Vei</i> : De Coadjuvantes cotidianas a Protagonistas do carnaval | 56 |
| 3.2 Os homens travestidos: O carnaval e a inversão | 69 |
| 4 O BLOCO FERRO VEI: Mudanças e continuidades | 73 |
| 4.1 O Forró pé-de-serra e o “Paredão de som” | 73 |
| 4.2 As Prostitutas: De seminuas à “comportadas” | 77 |
| 4.3 O <i>Vai quem quer</i> e a participação dos cidadãos nos desfiles | 83 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 87 |
| FONTES E REFERÊNCIAS | 88 |

INTRODUÇÃO

De acordo com a perspectiva da História Cultural, Sandra Jatahy Pesavento (2008) demonstra que a representação não significa aquilo que aconteceu, mas possivelmente uma representação da realidade, que nada mais é do que uma espécie de reconstrução do real, a partir dos discursos e das imagens (re)produzidos pelos indivíduos. Partindo desse pressuposto, a representação não tem como função decifrar a realidade ou chegar à verdade histórica, mas sim a uma representação viável da realidade. Cada cidade possui uma forma de ser representada e particularizada através das práticas de seus cidadãos, pois

[...] Ser cidadão, portar um ethos urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam (PESAVENTO, 2007, p.11).

Nesse sentido, através de diversos discursos construídos a partir das reminiscências de alguns cidadãos de Inhuma-Piauí, este trabalho constitui-se como uma representação/versão histórica sobre como e porque se davam determinadas práticas nessa cidade. Essas práticas são os gestos, comportamentos e atitudes momentâneas dos cidadãos inhumenses que suspendem as práticas cotidianas, tornando a cidade muito peculiar. Tais práticas são bastante perceptíveis no período carnavalesco, principalmente a partir dos desfiles do bloco *Ferro Vei*.

O bloco *Ferro Vei* foi criado por prostitutas e pela dona de um dos cabarés mais antigos da cidade, o *Ferro Vei*, que deu origem ao nome daquele bloco. O termo, na sua grafia correta deveria ser Ferro Velho, mas é conhecido vulgarmente como *Ferro Vei*, termo que, segundo alguns relatos faz alusão à coisa velha, antiga.

O cabaré *Ferro Vei* localiza-se, atualmente, no centro da cidade de Inhuma, na Avenida Presidente Castelo Branco, local onde se inicia o trajeto dos desfiles do bloco *Ferro Vei*. Os desfiles ocorrem, em torno do meio-dia, na segunda-feira de carnaval e neste dia uma grande quantidade de pessoas reúne-se nessa avenida à espera do bloco.

Os desfiles seguem um percurso ao redor da rodoviária, do hospital, do mercado público, da igreja. O que parece é que esses desfiles transmitem muita alegria e diversão para o povo de Inhuma sendo que as pessoas, inhumenses e visitantes da cidade, aguardam nas calçadas e principais pontos por onde o bloco passa.

Os destaques nos desfiles do *Ferro Vei* são as prostitutas que, até 2009 desfilavam seminuas e os rapazes que se vestem de “mulher”. Mas por que os inúmeros toleravam essas práticas? Por que um bloco criado por prostitutas, cuja maioria delas desfilavam seminuas nas ruas adquiriu, aparentemente, uma certa valorização pela população, apesar de ser um movimento ligado à prostitutas? Por que as prostitutas, sujeitos negligenciados e marginalizados pela sociedade, pelo fato de exercerem uma profissão mal vista pela sociedade, durante o carnaval, são aplaudidas e valorizadas, caracterizando-se como uma inversão? Qual a influência do evento carnavalesco para esses deslocamentos de sentido sobre a figura da prostituta?

Boa parte da temática desenvolvida no trabalho está relacionada à prostituição. Nesse sentido cabe salientar que o desejo de desenvolver um trabalho que englobasse essa temática não surgiu de uma hora para outra. Quando cursamos uma disciplina *Memória e História*, ministrada pela professora Ana Paula Cantelli Castro, no segundo período do Curso de História, desenvolvemos um trabalho intitulado *História da Associação das Profissionais do Sexo de Picos (APROSEP)*. Neste, podemos saber um pouco sobre o assunto da sindicalização de prostitutas. Depois, quando fizemos a disciplina de *História do Brasil República I* no quinto período do curso, ministrada pela professora Marylu Alves de Oliveira, compreendemos um pouco sobre a prostituição no Brasil, especificamente em São Paulo no final do século XIX até a década de 30 do século XX, através dos textos de Margareth Rago. Assim, aos poucos, o interesse em aprofundar os estudos sobre essa temática foi só aumentado. Por fim, quando estávamos no sétimo período, havia chegado a hora da decisão: decidir qual seria o objeto de pesquisa e que deveria ser apresentado na disciplina de *Métodos e Técnicas* da Pesquisa em História, ministrada pelo Professor Agostinho Júnior Holanda Coe. Estudar sobre as mudanças e continuidades do Bloco *Ferro Vei*, já era quase uma decisão, mas queríamos fazer uma abordagem mais interessante e dinâmica, mas não queríamos esmiuçar o fato de que o bloco era formado por prostitutas, porque achávamos que ter acesso ao cabaré e entrevistar, principalmente D. Maria de Odila, seria muito difícil. Ainda no sétimo período do curso, e simultaneamente à disciplina de *Métodos e Técnicas* da pesquisa em História, estávamos cursando a disciplina *História do Piauí II*, ministrada pela professora Nilsângela Cardoso Lima, e já na conclusão final desta disciplina tínhamos que apresentar um seminário sobre a dissertação de Bernardo Pereira Sá Filho intitulada *Cartografias do Prazer: Prostituição e Boemia em Teresina 1930-1970*. A obra despertou fascínio e finalmente tínhamos certeza que o tema da prostituição deveria ser bastante esmiuçado na pesquisa sobre o Bloco *Ferro Vei*. Haja vista que era um bloco criado e formado por prostitutas, as

discussões sobre prostituição foram englobadas na pesquisa. Posteriormente, quando cursamos a disciplina optativa História e Gênero, ministrada pela Professora Olívia Candeia Lima Rocha, que seria a futura orientadora do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, as discussões em sala de aula sobre identidade sexual, feminilidade, masculinidade, entre outros temas nos causou fascínio. A partir daí adentramos dentro da monografia a discussão de memória sobre como era como cotidiano do cabaré *Ferro Vei*, ambiente frequentado por homens que queriam reafirmar sua masculinidade e virilidade, através do sexo, das brigas, das agressões contra as mulheres e entre seus pares. Também foi durante essa disciplina que englobamos dentro do TCC a discussão sobre os homens que participavam desse bloco vestidos de mulher. Portanto, nessa disciplina, amadurecemos o que já estávamos exercitando desde o segundo período. A colaboração dessas disciplinas e dos professores que as ministraram foi imensa.

Vale ressaltar a emergência do tema, pois, até pouco tempo, este foi negligenciado no meio acadêmico, principalmente no campo historiográfico. A partir da história cultural é que o carnaval passou a ser abordado com mais entusiasmo neste campo:

Os avanços na história cultural contribuíram para a mudança desse panorama, embora ao ingressar nos domínios de Clio, o carnaval fosse por muitos considerado como um tema menor, periférico, desmobilizador. A maioria dos historiadores não conseguia perceber a complexidade dessa forma de expressão, de grande riqueza para o descortínio das atitudes, valores e comportamentos dos diversos grupos sociais. Não vislumbravam naquela festa um palco marcado pela dialética dominação/resistência, possibilitando-lhes alcançar significados sociais, por vezes inacessíveis através de outros caminhos (SOIHET, 1998, p.9).

Assim, Soihet (1998) ressalta que a festa carnavalesca é um tema de grande relevância no campo historiográfico na medida em que nos fornece amplos significados a serem apreendidos a partir da percepção das manifestações de gestos, atitudes e comportamentos durante esse evento.

A pesquisa bibliográfica foi imprescindível para compreendermos a problemática deste trabalho e para nortear possíveis respostas para os questionamentos propostos. Assim, algumas obras de teóricos foram constantemente abordadas. Margareth Rago (*Do cabaré ao lar e Os prazeres de Noite*, obras que abordam a prostituição em São Paulo de 1890-1930) e Bernardo Sá (*Cartografias do Prazer: Prostituição e Boemia em Teresina 1930-1970*) nos forneceram uma fundamentação importante sobre o conceito de prostituição, marginalização e preconceito sobre as prostitutas; Peter Burke (*Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*), Rodrigo Muniz (*Carnaval de Itabuna: Memória, Identidade e Turismo*), Ilma da

Silva Araújo (*O carnaval de rua em São Luís: transformação e forma de expressão - 1950 a 1970*) foram essenciais para entendermos a influência da festa carnavalesca no comportamento das pessoas, em especial, a aceitação momentânea de determinadas práticas; e, Roberto Da Matta (*Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*) foi extremamente relevante para compreendermos o conceito de inversão, sobretudo com relação às prostitutas.

Além da pesquisa bibliográfica, foi de suma importância a utilização das fontes orais, e para isso, as reminiscências da memória dos entrevistados constituíram-se como tais. “A memória, como propriedade de conservar certas informações remeto-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Dessa forma, a memória de alguns cidadãos de Inhuma constituíram-se como fontes imprescindíveis para construirmos uma representação sobre o Bloco *Ferro Vei*.

As reminiscências de cada um dos entrevistados foram analisadas, tanto isolada como coletivamente, pois Pollak diz que

[...] a *priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, mas [...] a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.02).

Nesse sentido a memória pessoal e individual de cada um integra-se na memória coletiva de todos aqueles que falam sobre o bloco de carnaval de Inhuma. Assim, a metodologia da História Oral foi constantemente trabalhada para a análise das entrevistas. Para Paul Thompson, “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação” (THOMPSON, 1935, p. 44).

Os entrevistados são pessoas que possuem uma relação direta ou indireta com os desfiles do bloco. São pessoas de diferentes origens e que desempenham diferentes papéis no objeto de estudo; que, por sua vez, possibilitaram diversas visões sobre o tema. De acordo com Lucília de Almeida Neves Delgado: “Os sujeitos da história da humanidade são muitos, são plurais, são de origens sociais diversas. Inúmeras vezes defendem ideais e programas opostos, o que é peculiar ao mundo em que vivemos” (DELGADO, 2006, p.55). Segundo a autora, atores sociais distintos podem nos proporcionar várias facetas sobre o mesmo processo ou acontecimento. Os entrevistados, num total de cinco pessoas, são apresentados a seguir.

A Sra. Maria Mercês de Moraes, mais conhecida como Maria de Odila ou como “Tia Maria”. Ela foi fundadora do bloco e precursora do carnaval de Inhumas. É aposentada e dona do cabaré conhecido como *Ferro Vei*, cujo nome originou o nome do bloco. Possui 82 anos e mora em Inhumas.

Alilo de Sousa Leal, médico e exerceu quatro mandatos como prefeito de Inhumas. Ele foi o primeiro prefeito a instituir o carnaval na cidade e também o primeiro a incentivar financeiramente os desfiles do Bloco *Ferro Vei*. Têm 69 anos e mora em Teresina.

José Airton Rufino, conhecido popularmente como Zé Airton, é agricultor, artista e dono de um bar, o *Art bar*. Já participou de alguns movimentos sociais na cidade. Também é instrutor do CAPES (Centro de assistência Psicossocial) de Inhumas. Já desfilou travestido no Bloco *Ferro Vei*. Têm 56 anos e mora em Inhumas.

Francisco Adailson Araújo de Carvalho, mecânico e vigia de um colégio da cidade, também participou de alguns movimentos sociais e culturais da cidade. Já desfilou no Bloco *Ferro Vei* travestido de mulher. Têm 41 anos e mora em Inhumas.

Dina Elma de Jesus da Costa, chefe do Departamento de Cultura de Inhumas, coordena o carnaval de Inhumas, juntamente com Nilcimar Cavalcante – primeira-dama e secretária de educação, cultura e desportos. Têm 31 anos e mora em Inhumas.

A diversificação social, econômica, ideológica dos entrevistados possui uma contribuição singular e relevante, pois norteou diversas possibilidades de respostas para a pesquisa.

Contudo, vale ressaltar que entrevistar pessoas não foi uma tarefa fácil. Algumas entrevistas foram difíceis de ser realizadas porque um dos entrevistados, como Alilo de Sousa Leal, é uma pessoa pública, tem muitas atribuições e morava fora. Outros foram relativamente acessíveis, demonstrando o maior interesse e disponibilidade para fornecer seus depoimentos. Porém, alguns que iriam fazer parte do rol de entrevistas, como é caso de Maria Nilcimar Cavalcante, primeira-dama e secretária de educação, cultura e desportos, não nos forneceu entrevista por que passava por momentos difíceis na família. Outro entrevistado fez algumas exigências muito “incomuns” para que o seu depoimento pudesse ser utilizado como fonte. Muito embora, apesar dessas dificuldades em realizar as entrevistas, os frutos foram muito gratificantes, pois aprendemos muito sobre Inhumas a partir desses depoimentos. Alguns depoimentos são comprometedores porque citam os nomes de algumas pessoas em situações capciosas e constrangedoras e, por isso, tivemos que utilizar pseudônimos para preservar a identidade dessas pessoas, pois boa parte delas ainda está viva.

O recorte espacial da pesquisa justifica-se pelo fato de que Inhuma-Piauí foi a cidade em que vivi boa parte de minha vida, na qual foram construídos laços de amizade, amor e carinho. Além desses aspectos pessoais, observamos que os desfiles do *Ferro Vei* fazem parte da cultura de Inhuma e representam uma das particularidades cidadinas, diferenciando-se das outras cidades e, por isso consideramos relevante construir uma pesquisa sobre o tema.

Com relação ao recorte temporal da pesquisa (1984-2009), justificamo-nos pelo fato de que, em 1984, o carnaval foi oficializado em Inhuma e que o bloco *Ferro Vei* passou a ter incentivo municipal do prefeito Dr. Alilo de Sousa Leal. O ano de 2009, por outro lado, representa o ano pelo qual o bloco *Ferro Vei* passou por transformações bastante significativas. O trabalho constitui-se de quatro capítulos.

O primeiro, *Inhuma: Da Capela ao Carnaval* trata, primeiramente, dos aspectos gerais da cidade (origem, povoamento e localização). Em seguida faz uma análise das festas que ocorriam na cidade até a institucionalização do carnaval na cidade, em 1984.

O segundo capítulo, *As prostitutas e o cabaré: sujeitos e espaços marginais* traz uma discussão sobre a prostituição, considerando-se que as prostitutas e os cabarés são sujeitos e espaços marginalizados. De maneira mais específica, adentra-se na questão do cabaré *Ferro Vei*, como um espaço de tensões e conflitos entre prostitutas, valentões, amantes e policiais. Por fim, apresenta algumas práticas de preconceito contra as prostitutas, sobretudo a partir da difusão da AIDS no mundo e no Brasil.

O terceiro capítulo, *O Ferro Vei: carnaval e inversões* aborda especificamente sobre o bloco de carnaval *Ferro Vei* como sendo o primeiro carnaval popular de Inhuma. Enfatiza a questão das inversões atribuídas, especificamente, à figura das prostitutas, durante o carnaval.

O quarto e último capítulo, *O Ferro Vei: Mudanças e Continuidades* faz uma análise de algumas mudanças ocorridas no bloco, sobretudo a partir de 2009. A principal delas é a seminudez que deixou de ser uma característica do bloco neste ano.

1 INHUMA-PIAUI: Da capela ao carnaval

“[...] nenhum historiador consegue abarcar e assim recuperar a totalidade dos acontecimentos passados [...] Não é possível relatar mais que uma fração do que ocorreu, e o relato do historiador nunca corresponde exatamente ao passado”.

Keith Jenkins



Ilustração 01: Localização de Inhuma-PI
Fonte: ALMONDES, 2012, p. 13.

De acordo com o censo do IBGE (2010), o município de Inhuma tem uma extensão territorial de 978,222 Km² e possui 14.845 habitantes. Segundo Almondes (2012), a Inhuma-Piauí tem como parte integrante de seu território a Br 316, que liga a capital piauiense à macrorregião de Picos-PI, posição geográfica que favorece o crescimento comercial de Inhuma, através da circulação de mercadorias nesta rodovia.

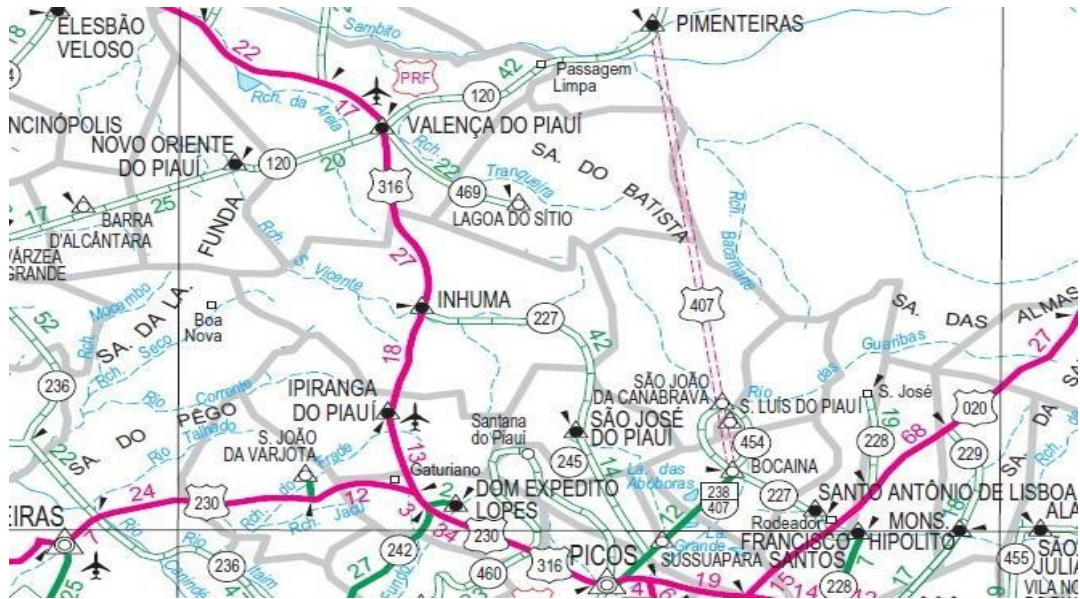


Ilustração 02: Localização rodoviária de Inhuma-Piauí.

Fonte: ALMONDES, 2012, p. 13.

Conforme a revista INHUMA (2008), a cidade faz parte da região Centro-Norte piauiense e está situada à 240 km de Teresina. Os limites geográficos de Inhuma são: Novo Oriente do Piauí, Valença do Piauí e Lagoa do Sítio, ao Norte; Ipiranga do Piauí e São José do Piauí, ao Sul; São João da Canabrava, ao leste; Oeiras e Ipiranga do Piauí, a Oeste.

Segundo Keith Jenkis, “a maior parte das informações do passado nunca foi registrada, e a maior parte do que permanece é fugaz” (JENKIS, 2005, p.31). Essa afirmação nos remete a história do povoamento de Inhuma em que não se sabe de fato quando esse processo teve início. O que restou sobre a história do povoamento de Inhuma são relatos de parentes de pessoas que viveram naquela época. Parece que um dos principais indícios de povoamento é a construção de uma capela.

De acordo Almondes (2012), a primeira capela foi erigida em 1900, no povoado Forte, pertencente ao que mais tarde viria a ser a cidade de Inhuma. Segundo a autora, em 1902, migrantes de outros locais do Brasil se estabeleceram em Boa Esperança, lugarejo que deu origem posteriormente ao que seria o município de Inhuma, na intenção de explorarem a maniçoba na região. Holanda diz que “[...] esse local (passou a) ser um ponto estratégico para a exploração e também para o comércio que estava se fortalecendo, e que se voltava basicamente para o dinheiro em troca de maniçoba e de gêneros alimentícios” (HOLANDA, 2013, p.40).

Almondes (2012) aponta que como a atividade de exploração de maniçoba enfraqueceu a partir de 1908, os moradores de Boa Esperança migraram para o Vigário, que é

hoje um povoado ligado à cidade de Inhumas, no qual iniciaram a prática de trocar produtos, culminando na formação de uma pequena feira. Posteriormente, esses moradores migraram para a margem direita do brejo, lugar onde hoje é bairro Sossego, no qual se fixaram e colocaram nesse lugar, o nome de Inhumas. Esse nome deve-se ao fato de haver, nessa região, uma grande quantidade de pássaros *Inhaúma*.

Conforme Almondes (2012), boa parte do desenvolvimento econômico e social do povoado de Inhumas que, em 1954 foi elevado à categoria de cidade, foi relacionado à atividades comerciais, em especial as feiras, nas quais se comercializavam produtos agrícolas (arroz, feijão, goma etc.) e animais (bode, galinhas e derivados). Não por acaso foram os comerciantes os principais idealizadores da emancipação de Inhumas. O nome mais expressivo desse movimento foi Antônio de Deus Carvalho, comerciante de tecidos. Além disso, tiveram outros nomes envolvidos nesse processo: Né Macedo, Geraldo Barreto, Joaquim Borges de Oliveira e o Sr. Doca Gusmão.

Almondes (2012) afirma que, com o aumento da densidade demográfica e do comércio no povoado de Inhumas, começou a surgir a ideia de emancipação nesse lugar, que até então fazia parte da comarca do município de Valença-Piauí. Os moradores de Inhumas alegavam que a região tinha condições de se manter sozinha. Além disso, havia o descontentamento por parte dos moradores de Inhumas, que não usufruíam dos lucros de qualquer atividade comercial praticada no povoado, porque estes eram destinados à Valença, que por sinal não investia na melhoria das condições de vida naquele povoado.

De acordo com o IBGE (2010), “o município de Inhumas foi criado pela Lei Estadual nº 985, de 17 de maio 1954, desmembrando-se de Valença do Piauí, e instalado no dia 13 de junho do mesmo ano”. Segundo Almondes (2012), um dos fatores que contribuíram para o processo de emancipação de Inhumas foram as relações de inhumenses com pessoas influentes do governo piauiense, como o Sr. Petrônio Portela, que era neto de João de Deus Carvalho, pai de Antônio de Deus Carvalho – primeiro prefeito de Inhumas.

O quadro administrativo do município de Inhumas foi formado por Antônio de Deus Carvalho (prefeito da cidade), Geraldo Alencar Barreto (vice-prefeito) e outros cinco vereadores: Joaquim Borges de Oliveira, João Paulo Ferreira, Antônio Isidoro Neto, Manoel Ferreira Barbosa de Macedo e Luiz de Sousa Leal, que renunciou e o Sr. Raimundo Rufino da Silva assumiu seu lugar.

Almondes (2012) diz que, a partir de sua emancipação, Inhumas foi tomando corpo de cidade e foi iniciado seu projeto de urbanização no qual foram ordenados os espaços citadinos, sendo que foram abertas novas ruas e avenidas, construídas praças e prédios

públicos, tudo de acordo com os recursos disponíveis no Tesouro municipal de Inhumas. De acordo com a autora, aos poucos a cidade foi evoluindo. Entre os anos de 1954 e 1977 várias construções contribuíram para essa evolução: a iluminação pública, com a instalação da energia elétrica; a canalização da água; a Unidade Escolar João de Deus Carvalho, mantida pelo Governo Estadual; um novo cemitério, no bairro Sossego; a sede da prefeitura; um posto de saúde, que depois de reformado, passou a ser hospital.

Apesar de termos ressaltado aspectos gerais da cidade, focaremos o estudo a partir da década de 1980, especificamente em 1984. Alilo de Sousa Leal elegeu-se para prefeito, pela primeira vez em 1982 – assumindo o mandato em 1983 – e governou a cidade por um período relativamente longo. O depoimento dele foi de suma importância para entendermos as mudanças ocorridas durante quase mais décadas (1984-2009). Segundo ele, foi a partir do seu mandato que a cidade passou por mudanças significativas.

[...] Há trinta anos atrás era totalmente diferente, né. Além do tamanho, que era uma cidade de porte pequeno, ela avançou muito durante essas três décadas. Ela expandiu, cresceu. Houve...muito...muita urbanização, melhorando a condição de vida das famílias, né. Foi pavimentada muitas ruas da cidade, levando assim benefícios principalmente pra periferia. Então é uma cidade que evoluiu num ritmo bem...podemos dizer...bem acelerado. A população, hoje, é o dobro do, da população naquela época. (LEAL, 2013)

Na exposição de Alilo Leal, percebemos a rememoração de um longo período em que ele governou a cidade e deteve poder político. Segundo INHUMA (2008), ele exerceu quatro mandatos de prefeito (1983-1988; 1993-1996; 2001-2004; e 2005-2008). Nesse sentido, ele rememora, enfaticamente, fatos que aludem á benesses ocorridas na cidade durante esse período. Jacques Le Goff explica esse fenômeno

[...] a memória foi posta em jogo de forma importante na luta de forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p.422).

Rememorar acontecimentos que apontam para um possível progresso de uma cidade é uma preocupação de grande parte dos governantes que estiveram ou estão no poder político. Pollak diz que “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLAK, 1989, p.09).

Assim, quando Alilo de Sousa Leal menciona melhorias positivas na cidade durante o período em que ele foi prefeito e até mesmo durante o período em que seus familiares estiveram no comando da prefeitura da cidade é uma forma de identificar/ definir essa época como uma fase de progresso. Contudo, é inegável que a cidade transformou-se muito. No começo do século XX, período do início do povoamento da região do que mais tarde seria a cidade Inhumas, a configuração econômica, política e territorial da cidade era outra.

Explanados alguns aspectos físicos, econômicos e sociais da cidade, seguiremos abordando os espaços de lazer e as festividades de Inhumas para entendermos como se davam as práticas de sociabilidade entre as pessoas.

1.1 As Festas na cidade

“Definiremos lazer como sendo todos os momentos da vida cotidiana em que as pessoas deixam suas labutas e se apresentam em público, com o objetivo de se divertirem e saírem da rotina diária” (CASTELO BRANCO, 2005, p.40). O lazer como um meio de divertimento é algo inerente à qualquer cidade. Nesse sentido, analisaremos os espaços e as formas de lazer pelas quais os cidadãos de Inhumas se apropriavam para fugirem da rotina.

De acordo com Mary Del Priore (2000), através de um estudo sobre as festas no Brasil Colonial, festa vem de *festus*, termo de origem latina, que se referia à celebração e ao culto de falsos ‘deuses’. No caso, essas celebrações e cultos seriam as festas religiosas maometanas e dos judeus consideradas pelos católicos como pagãs e inferiores às festas católicas – que, nessa época, eram muito comuns, em especial as procissões.

No Brasil, de maneira geral, até a atualidade, as festividades religiosas, sobretudo católicas, são uma tradição muito presente nos países, o que demonstra a forte presença da religião católica, herdada por nossos colonizadores.

Chamamos de festividades religiosas às quermesses das igrejas, às procissões, às novenas e a outros acontecimentos de caráter religioso que tiravam homens e mulheres de suas labutas cotidianas dentro do espaço doméstico. Essas formas de lazer tradicionais vão se manter [...] mostrando a força da religião na vida das pessoas e principalmente das mulheres (CASTELO BRANCO, 2005, p.41-42).

No caso de Inhumas, Alilo de Sousa Leal afirma que a única festividade tradicional na cidade de Inhumas, até o início de seu primeiro mandato como prefeito, na década de 1980, era o festejo do padroeiro da cidade, São José.

Era, na, nessa época, até essa época...nós tínhamos apenas aqui, o festejo tradicional da cidade, que era o festejo do padroeiro, o São José [...] uma festa muito grande, com muita participação da população do município e também de cidades vizinhas. Sempre era um festejo muito grande, os festejos de São José. (LEAL, 2013)

A data do aniversário do padroeiro é dia 19 de março, mas os festejos se iniciam a partir do dia 10 de março. Durante esse período, ocorrem as novenas, que são nove missas realizadas em homenagem ao padroeiro da cidade. No dia 19 de março, por fim, ocorre a procissão de São José. Neste dia, os devotos, que não são poucos, saem às ruas cantando ladainhas, evocando o padroeiro e levando a imagem deste para ser vista/adorada por todos os fiéis. De acordo com Priore (2000, p.22), já em tempos coloniais houve “a difusão das procissões, em dias de festa religiosa, colocava em evidência a mentalidade das populações, que viam no rito processional uma função tranquilizante e protetora”.

Numa menção á cidade de Teresina no início do século XX, Pedro Vilarinho Castelo Branco nos informa que a falta ou restrição de espaços de lazer para a população resultava numa mistura entre o sagrado e o profano, em que havia apenas uma festividade tradicional, religiosa, e que as pessoas aguardavam-na ansiosamente não só para propagar e reafirmar a fé, mas também para fazer outras apropriações dessa festa: “Em uma cidade sem atrativos, onde o povo vivia à espera de algum acontecimento que quebrasse a rotina cotidiana, a devoção e a busca de lazer acabavam por se confundir” (CASTELO BRANCO, 2005, p.42).

Contudo, tal como afirma o autor, “esse caráter religioso e ao mesmo tempo profano que as festividades religiosas tinham, não é uma peculiaridade de Teresina” (CASTELO BRANCO, 2005, p.42). Segundo, Holanda (2013), nos *Festejos de São José*, na cidade de Inhuma, as pessoas se reuniam tanto para adorar o padroeiro da cidade como para sociabilizar-se, e a praça da cidade situada em frente à Igreja Católica constituía-se como um espaço para essas práticas. Nela era possível flertar e ter alguns namoricos, que muitas vezes culminavam em casamentos. Assim, além de os festejos serem uma época na qual os devotos reafirmavam a religiosidade, também era um meio de sociabilidade para os cidadãos, em especial os jovens.

Alilo de Sousa Leal afirma que só a partir do seu mandato, em 1983, os espaços de lazer na cidade foram ampliados. Nesse sentido, não só novos espaços de lazer foram criados, mas também outras festas comemorativas, como o aniversário da emancipação de Inhuma, mais conhecido como *Aniversário da cidade ou Festejos de Junho*.

A partir daí é que a gente deu um in...incremento, um incremento né, no sentido de melhorar, onde foi feito alguns parques de lazer, sobretudo na área esportiva, né. Foi construído estádio, construído é...ginásios poliesportivos e, também, houve assim um, foi criado o festejo do aniversário da cidade. Era também uma, uma semana de atividades culturais, esportivas com incentivo às artes e sempre proporcionava bons momentos à população. (LEAL, 2013)

O aniversário de emancipação de Inhuma é no dia 13 de junho. Porém, desde o dia 10 de junho são realizadas atividades culturais e artísticas na cidade. Durante a noite, são realizadas festas comemorativas. Essas festas eram realizadas, geralmente, no Centro de Convivência dos Idosos que como o próprio nome já diz, foi criado para os idosos, mas durante a época dos festejos do aniversário da cidade era nesse espaço que realizavam-se as festas e outras atividades culturais. Porém, a partir de junho de 2013 essas festas passaram a ser realizadas em frente ao Poliesportivo *Mussa Demes*.

Tanto os Festejos de Março como o Aniversário da cidade são festas muito frequentadas tanto pelos habitantes da cidade como por pessoas de outras cidades. O aniversário da cidade parece ter sido criado durante o governo de Alilo de Sousa Leal. Mas e o carnaval, que é uma festa que ocorre praticamente em quase todos os lugares do mundo, quando essa festa passou a ser comemorada na cidade?

1.2 O Bloco *Ferro Vei*: Origens do Carnaval de Inhuma

De acordo com Alilo de Sousa Leal, até 1983, o carnaval não era uma festa instituída municipalmente na cidade. Até essa data, a maioria dos inhumenses sabia que o carnaval era uma festa comemorativa, mas não existia um espaço na cidade reservado para essa festa. Com isso, boa parte da juventude inhumense se deslocava para outras cidades para festejarem o carnaval.

As principais cidades de destino dos jovens eram Valença e Ipiranga, onde já existia carnaval. Segundo Alilo de Sousa Leal, o deslocamento de inhumenses para outras cidades foi um dos motivos que contribuiu para que ele instituisse o carnaval na cidade e reservasse um espaço para as pessoas festejarem essa época.

[...] eu observava que no período de carnaval a grande maioria dos jovens de Inhuma iam pra outras cidades. E aquilo num deixava de dar muita preocupação aos pais, porque os jovens saíam pra outras cidades, período carnavalesco, e aí nós também...eu que sempre fui assim muito participativo, sempre gostei de, de lazer, de animações, de festa...por sinal eu ainda hoje

gosto de festa. Então eu achei que devíamos criar o nosso carnaval. Em vez do nosso povo sair pra outras cidades, nós fazia com que eles brincasse, divertisse e pulasse o carnaval aqui mesmo. (LEAL, 2013)

A partir disso, o carnaval foi instituído na cidade, de acordo com Alilo de Sousa Leal, em 1984, ainda durante o seu primeiro mandato. Nesse ano foi criado o primeiro bloco de carnaval, *Unidos da Aldemar Rocha* (cuja denominação é a mesma de uma das ruas da cidade) e nos anos seguintes, foram criados outros que contaram com apoio financeiro da prefeitura.

Nós, quando criamos o carnaval, aí a gente tinha aquele incentivo, né, que era o recurso mesmo do município e a gente procurava dar o incentivo, que criamos o primeiro bloco, o *Unidos da Aldemar Rocha*, mas logo em seguida que foram criados outros blocos né e é... parece que era *Última Hora*. Teve um que foi *Última Hora* que foi criado, depois outros vários blocos. E sempre todo ano a gente dava aquele incentivo aos blocos carnavalescos da, da cidade. (LEAL, 2013)

De acordo com o ex-prefeito de Inhumas, na época que o carnaval foi instituído na cidade foi um acontecimento marcante, uma novidade. Houve, então, uma participação muito significativa de foliões de outras cidades que, pelos relatos do entrevistado, só foi possível pelo bom relacionamento que o prefeito tinha com prefeitos de outros municípios.

Por sinal, quando nós instituímos, o carnaval era muito animado. Além de ser uma novidade, a gente também procurou dar assim muita força, muito papo. Que era pra poder atrair foliões de outros municípios. E eu me lembro que, nos primeiros anos, nós recebemos aqui inclusive caravanas de ônibus, eu me lembro. Na época tinha um amigo meu que era prefeito de Dom Expedito e ele chegou a participar aqui dum carnaval na Inhumas com dois ônibus lotados de foliões de Dom Expedito. Vinha muita gente do Ipiranga, vinha também de Valença. Eu tinha um relacionamento muito grande na região através do futebol, através da participação em festas municipais dos outros municípios e aquilo eu tinha um grande número de amigos e eu fazia aquele convite. Badalava o carnaval de Inhumas, contanto que atraía muita gente e nós tivemos muitos carnavais aqui na Inhumas. (LEAL, 2013)

Inicialmente, quando o carnaval foi instituído na cidade, a festa não era realizada nas ruas, mas no *Inhumense Clube*: “A princípio, nos primeiros anos, era festa no clube [...] Só anos depois é que foi feito já o carnaval em praça pública, que perdura até hoje [...] Não (sei) precisamente qual foi o ano [...] Só que os primeiros anos era mermo só festa no clube” (LEAL, 2013).

A maioria das pessoas¹ que quisesse poderia participar da festa, mas seria necessário pagar uma determinada quantia em dinheiro para garantir a entrada na festa, o que, de certa forma, restringiu essa festa e o espaço apenas àqueles que tivessem dinheiro para custear a entrada. No entanto, anos depois, não podemos afirmar com precisão, o carnaval de Inhumas passou a ser uma festa popular de fato, realizada nas ruas, em que toda a população tinha acesso à essa festa.

Contudo, apesar de, no princípio ter sido uma festa de caráter privado, segundo Alilo de Sousa Leal houve uma participação muito significativa da população:

[...] a gente programava sempre as festas era no clube. A gente fazia à noite pra os adultos e à tarde pras crianças [...] chegou um tempo que a festa das crianças era maior que a dos adultos, que os pais e pessoas de casa, família, levava as crianças e também se divertiam lá com as crianças. (LEAL, 2013)

O carnaval foi uma festa instituída na cidade apenas em 1984. Porém, bem antes disso, já existia na cidade uma forma de carnaval alternativo: o Bloco *Ferro Vei*. Esse bloco foi criado por Maria Mercês de Moraes (mais conhecida como Maria de Odila) e algumas prostitutas que trabalhavam no cabaré dela, o *Ferro Vei*. Segundo alguns relatos, esse é o carnaval mais antigo da cidade, pois surgiu antes mesmo que fossem instituídos uma data e um espaço para fazer carnaval. Nem todas as pessoas participavam desse bloco, mas qualquer um que quisesse poderia participar.

Ao indagar-se sobre quais são os pontos constitutivos da memória, seja individual ou coletiva, Pollak (1992) responde que são os acontecimentos vividos pessoalmente ou “por tabela”, que são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade em que a pessoa se sente pertencer. As reminiscências das pessoas que tiveram uma relação direta ou indireta com o bloco *Ferro Vei* foram imprescindíveis para a construção desse trabalho.

A origem do carnaval na cidade de Inhumas confunde-se com a origem do bloco *Ferro Vei*. Esse bloco foi criado por D. Maria de Odila e as prostitutas que trabalhavam no seu cabaré, cujo nome deu origem ao nome daquele bloco. Contudo, não se sabe quando o bloco foi criado, pois a própria Maria de Odila não se recorda quando isso ocorreu, o que nos remete a ideia de que “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica

¹ De acordo com alguns relatos, na prática, havia algumas restrições com relação à entrada de algumas pessoas no *Inhumense Clube* – mães solteiras e prostitutas – mesmo que tivessem dinheiro para pagar a entrada no ambiente. Parece que isso ocorria por conta do preconceito de senhoras ditas de família ou até mesmo pelos próprios sócios do clube.

registrado” (POLLAK, 1992, p.04). Mas *seletivamente* ela lembra que quando Alilo de Sousa Leal assumiu a prefeitura pela primeira vez, no ano de 1983, os desfiles já ocorriam.

Mulher não tô alebrada não, mas eu sei que eu tive conversando com a irmã de Dr. Alilo, na casa de seu Luís Leal, agora perto da eleição, aí ela disse: *olha Maria eu lembro que quem premeiro inventou o carnaval na Inhuma foi tu. Aí depois que tu inventou o carnaval na Inhuma, aí fui eu mais Alilo nos começamo a fazer o carnaval. Mas só sei dizer isso que do tempo que Alilo tomou de conta, tá com vinte anos que Alilo mandou aqui na inhuma, não foi? Esses vintes anos foi eu brincando carnaval. (MORAES, 2012).*

Alilo de Sousa Leal, prefeito que institucionalizou o carnaval na cidade em 1984, corrobora com essa ideia, afirmando que o Bloco *Ferro Vei* além de ser o primeiro carnaval nato da cidade, era acompanhado por muitas pessoas no dia em que os desfiles eram realizados, geralmente na segunda-feira.

[...] o primeiro movimento carnavalesco foi realmente da Maria de Odila com sua turma. Que eles faziam só na segunda-feira. Fazia o desfile na cidade, que era o dia da feira e tinha assim a...o acompanhamento de muita gente, né. O pessoal da feira, era aquela multidão na feira e aquilo era uma novidade o carnaval do *Ferro Vei*. Era um sanfoneiro e as meninas fantasiadas que desfilavam pela rua. (LEAL, 2013)

D. Maria de Odila afirma que quando teve a ideia de criar um bloco de carnaval com suas companheiras, não havia carnaval em Inhuma e o que a inspirou foi o fato de saber que em outros lugares havia carnaval, através do contato com prostitutas de outras cidades que vinham para o seu cabaré.

[...] o povo falava que tinha carnaval e tudo. E dizia: *olha em lugar fulano, em Valença vai ter carnaval, em Picos vai ter carnaval. Em Valença o carnaval vai ser na rodoviária, que inda hoje é certo que o carnaval vai ser na rodoviára. E aí daquele jeito eu ia acompanhando, daquele jeito que eles fazia eu ia acompanhando tombém. Ah tem derfile, em Valença o carnaval em Valença, aí ar mulher que vinha de lá me contava tudo como era e eu acompanhava do jeito que era [grifo nosso]. (MORAES, 2013)*

Assim, ela convidou prostitutas que moravam com ela e prostitutas de outras cidades vizinhas com ela para participarem do carnaval que ela queria fazer na cidade. Além de convidar mandava confeccionar roupas para elas.

[...] Tinha muita mulher aqui em casa, tinha 15 mulher morando. Tinha muita mulher. Aí eu convidei elas pra mim fazer carnaval, aí elas disse: *vamo fazer carnaval D. Maria, nós vamo fazer o carnaval. Aí delas que*

morava mais eu e delas eu ia pra Valença convidava, ia pra o Ipiranga, convidava elas. Eu ia buscar roupa delas pra fazer outas que as vez, umas dum jeito, otas doudo, né? Aí eu ia através delas lá, delas que num vinha, mas dizia: *olhe Dna. Maria leve minhas roupa que pra fazer desse jeitim minha roupa*, que era obrigado tirar medida de corpo e tudo, né? Mais, aí elas vinha de Ipiranga, vinha de Demerval Lobão, vinha de Elesbão Veloso, vinha de Oeiras, vinha de Picos, desse lugar tudim vinha mulher prá cá pra pro carnaval. (MORAES, 2012)

D. Maria de Odila também convidava prostitutas de outros cabarés de Inhuma para participarem do bloco, sendo que boa parte dessas prostitutas não eram inhumenses, mas provenientes de outras cidades e de outros estados, como o Maranhão, por exemplo.

Tinha [...] no tempo [...] tinha estas otas casas de mulher [...] Tinha o cabaré da finada Nem, tinha o cabaré de Damiana, viu? E aí eu já fazia o carnaval, juntano estas mulher da do cabaré de Damiana, do do cabaré de Leopoldina, de Chica Rosa..Elas era da, umas de Maranhão, de Maranhão. Mais elas morava ali no *Sossego*. (MORAES, 2012)

O fato de os cabarés serem compostos por prostitutas vindas de outras cidades nos revela a rotatividade das prostitutas por vários lugares, que nada mais é do que uma forma de renovar o espaço e o comércio, já que se trata da comercialização do sexo. O que acontece é que o fato de mulheres virem de outras cidades onde havia carnaval influenciou a criação do bloco *Ferro Vei*. Porém, Alilo Leal acrescenta que a criação do bloco *Ferro Vei* não foi apenas inspirada na ideia de que havia carnaval em outras cidades, mas também porque existia um bloco carnavalesco de Valença que vinha até a Inhuma e desfilava nas ruas da cidade.

O carnaval da Maria [...] que a gente chama o “Ferro Velho” ele foi assim também inspirado no carnaval de Valença. Porque nos primeiros anos, antes da Inhuma ter o carnaval, costumava vir um bloco de Valença, que desfilava aqui na cidade de Inhuma e [...] esse bloco que vinha de Valença e incentivou o famoso *Ferro Velho*. (LEAL, 2013)

De acordo com ele, era um bloco bem organizado, constituído de uma banda, que passeava pelas ruas da cidade de Inhuma, cujos integrantes desfilavam trajados com roupas bem coloridas e o comandante era um homem conhecido como Zé da Chica.

[...] o bloco de Valença era...inclusive era um bloco, eu me lembro, na época eu era inda assim garoto e eu me lembro que era um bloco bem assim...organizado. Eles vinham com roupas bem coloridas, né, e com...tipo assim...uma bandeira e eles desfilavam na rua. O bloco às vezes vinha com a banda e eu me lembro bem. Inclusive o Zé da Chica, o famoso Zé da Chica, que era de Valença, ele era o comandante desse bloco. É o que eu tenho de

lembrança. Eles desfilavam com roupas bem coloridas, amarelo, laranja, vermelho. Aquela roupa bem alegórica mesmo. (LEAL, 2013)

Nesse sentido, antes mesmo de D. Maria de Odila criar o Bloco *Ferro Vei*, havia um bloco proveniente de Valença que vinha desfilando na cidade. No entanto, este bloco não pode ser considerado o primeiro carnaval de Inhuma, porque como o próprio entrevistado afirma, ele ainda era um menino nessa época – cujo nascimento data de 14 de maio de 1945 – e essa reminiscência parece apontar para o período em que Inhuma ainda fazia parte da Comarca daquela cidade – até o ano de 1954.

Podemos entender assim, que Inhuma só teve um carnaval nato e original quando a cidade foi emancipada politicamente. Por isso, o bloco *Ferro Vei* pode ser considerado o pioneiro movimento carnavalesco de Inhuma.

Não há um consenso entre os entrevistados quanto à data de criação do bloco *Ferro Vei*, porém os desfiles desse bloco se intensificaram e só tiveram incentivo financeiro da prefeitura a partir do prefeito Alilo de Sousa Leal, que além de apoiar outros blocos carnavalescos, também apoiou o bloco de D. Maria de Odila. Ao ser indagado sobre o porquê de ter apoiado um bloco criado por prostitutas, ele responde

[...] Foi assim uma maneira de atender a todas as camadas. Não era assim uma coisa em especial, mas como se a gente tava patrocinando os blocos normais, os blocos da juventude, por que não também dar um incentivo, uma força ao bloco Ferro Vei? Acho que era assim uma coisa natural e um direito deles também. Se era a utilização de verbas públicas, por que públicas pra uns e pra outros não? Tinha que ser pública. Pública é pra todos. (LEAL, 2013)

Segundo o ex-prefeito, havia uma verba pública para financiar o carnaval e outros eventos da cidade. Nesse sentido, tanto os blocos de carnavais convencionais como o *Ferro Vei* foram financiados porque era uma forma de contemplar todas as camadas. O fato de ser um bloco formado por prostitutas e haver preconceito por parte da população não foi um fator que impediu ou impulsionou o financiamento dos desfiles, mas algo que já era previsto pelo fato de que a verba era destinada ao público, sem nenhuma distinção de classe, cor, sexo etc.

É relevante observarmos que o fato de o carnaval da cidade ter sido fundado por prostitutas é uma peculiaridade cidadina. A relação do cabaré com o bloco de carnaval pode ser compreendida principalmente pelo nome, pois o bloco é popularmente conhecido como “Ferro Vei”, nome como também é denominado o cabaré de D. Maria.

No entanto, o nome do cabaré já foi modificado várias vezes: “De premero o nome, o nome todo uma vida, o nome de minha casa foi *Bar da Noite Escondidim*. Escondidim. *Bar da noite Escondidim*, que mermo na Delegacia tem inté o nome de minha casa como *Bar da noite*” (MORAES, 2012). Porém, a população aparentemente sempre preferiu denominar o bloco pelo termo “Ferro Vei”. Existem algumas versões sobre a origem desse termo. Segundo D. Maria, o cabaré recebeu este nome porque, apesar de existirem outros cabarés na cidade, o dela era o mais antigo na cidade.

Aí butaram, butemo o nome de *Ferro Vei*, viu [...] butemo o nome de *Ferro Vei*, porque tinha o cabaré de Nazila, tinha o cabaré duma mulher de Oeiras, tinha o cabaré duma mulher de Oeiras...aí o Cambito era amigado com Nazila, aí butaram o nome de, do cabaré de Nazila *Pão com leite*, porque Nazila era branca e Cambito era preto, viu. E o meu butaram o nome de *Ferro Vei* porque era o cabaré mais vei que tinha aqui na Inhuma, era o meu. Foi desse jeito, era o mais vei. Aí foi e butaram este nome aí. (MORAES, 2013)

Alilo de Sousa Leal nos dá outra versão sobre a origem do nome do cabaré que, segundo comentários na cidade, deve-se ao fato de que as prostitutas permanecerem durante vários anos no cabaré, sem que houvesse uma demanda por “novas” prostitutas para os clientes e frequentadores do *Ferro Vei*.

[...] o Ferro Velho... foi um termo criado assim...inclusive no comentário na cidade, nos bares, nas rodinhas aqui...esse nome Ferro Velho, ele veio por causa das mulheres não ter sido renovadas as figuras, os figurantes. Passa um ano, dois anos, cinco anos, dez anos e as mulheres eram as mesmas. Então, com isso foi dado, criado esse termo Ferro Velho, que eram meninas que não se renovavam. Era permanente aquela...aquele time do Ferro Velho [...] a origem desse nome que foi em razão das mulheres serem sempre as mesmas durante muitos anos e com isso elas não renovaram e, por isso, foi dado esse nome de Ferro Velho. (LEAL, 2013)

Assim como o cabaré, o bloco de D. Maria de Odila, embora seja mais conhecido ou denominado pelo termo *Ferro Vei*, tanto pela população quanto pelos meios midiáticos, já foi denominado por outros nomes.

Rapaz chamavam de todo jeito, tinha deles que chamavam derfile *do Ferro Vei*, otos dizia ó o derfile da *Tia Maria*, ó or derfile do *Bar da Noite*. Era desse jeito que falava, que fazia. Aí eu passei, butava agora é de...como é? *Vai quem quer*. Agora de Moura pra cá foi que eu butei de *Vai quem quer*, que já foi logo dizeno vai quem quer (risos), né? (MORAES, 2012)

Apesar de o cabaré e o bloco ter sido denominado por outros nomes, a maioria da população o denomina de *Ferro Vei*, pois de acordo com Pollak “*a memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes” (POLLAK, 1992, p.04-05).

Os desfiles do *Ferro Vei* ocorrem, atualmente, na segunda-feira de carnaval. Porém, antes de ser apenas na segunda-feira, D. Maria de Odila os fazia durante dois dias de carnaval: “Sempre toda vida era na segunda. No começo eu ainda comecei dois dias, domingo e segunda. Mas aí me empatava muito aí eu fiquei fazendo só na segunda mesmo” (MORAES, 2012).

O carnaval de Inhumas concentra muita gente na cidade, porque muitos inhumenses, principalmente jovens, estudam em outras cidades e mantêm nelas laços de amizade, e como boa parte deles festejam o carnaval em Inhumas, eles também convidam colegas de outras cidades para participarem da festa. O dia de segunda-feira é especial porque geralmente tem mais gente na cidade, pois é o único dia de feira, em que as pessoas tanto da zona urbana quanto da zona rural de Inhumas vão fazer compras nas bancas da feira, no centro da cidade; e como os desfiles do *Ferro Vei* ocorrem na segunda-feira de carnaval, a cidade concentra ainda mais pessoas nas ruas, principalmente na Avenida Presidente Castelo Branco, rua em que se localiza o cabaré de D. Maria de Odila e de onde se inicia o percurso do bloco.

Há muitos anos, o cabaré de D. Maria localiza-se naquela avenida, mas já foi localizado em outros lugares como nos Tinguis², próximo a Br 316 e na rua conhecida como Rua do Amparo, mais conhecida como *Rua da Lavanderia*, no centro da cidade. Os desfiles do *Ferro Vei* sempre iniciam o trajeto partindo do cabaré de D. Maria de Odila. Um dos primeiros desfiles foi realizado quando ela ainda morava nos Tinguis:

O primeiro carnaval que eu comecei, eu comecei vindo dos Tinguis, que eu já morava nos Tinguis acolá, lá perto de seu Seu João Cândido... Aí nos descia, de lá dos Tinguis pra cá, aí entrava aqui por dentro da rua, arroteava, nós ia pelo Sossego, um monte de mulher acompanhando, tocador gente e tudo. (MORAES, 2013)

Apesar de ter morado em tantos lugares, o trajeto percorrido pelo bloco não mudou muito, sendo que as pessoas desfilam/desfilavam nas principais ruas do centro da cidade, onde se localizam os principais pontos de referência da cidade: a rodoviária, a prefeitura, o mercado público, a igreja e algumas praças da cidade.

² Propriedade inhumense situada às margens da Br 316, assim denominada pela grande quantidade de árvores conhecidas como *Tinguis*.

Como temática principal do próximo capítulo, considerando-se que como o *bloco Ferro Vei* foi criado por prostitutas, é relevante entendermos as concepções e o conceito sobre prostituição. Esses conceitos nos permitem compreender como a sociedade justifica e concretiza a marginalização tanto das prostitutas como dos cabarés. Assim serão delineadas algumas memórias relacionadas ao cabaré *Ferro Vei* como um espaço submetido à ação de valentões e baderneiros que praticavam tanto violência contra as prostitutas como entre eles mesmos.

2 AS PROSTITUTAS E O CABARÉ: Sujeitos e espaços marginais

“[...] a prostituição não compõe um mundo separado do mundo vivido. Ela faz parte da organização das cidades, da organização da cultura urbana e, acima de tudo, deve gozar de respeito e reconhecimento de todos”.

(José Geraldo Vasconcelos)

Faz-se necessário ressaltar alguns conceitos e concepções acerca das prostitutas, haja vista que elas foram as criadoras do bloco *Ferro Vei*. “Dentre as várias instituições existentes relativas à sexualidade humana (namoro, casamento, família, etc.) a prostituição também é considerada como tal, porém, é vista com menos simpatia, uma vez que esta é menos ‘aceita’ pela sociedade” (PINHEIRO, 2012, p.17). Assim, para falarmos sobre prostituição é preciso considerar outras instituições que interligam-se e contrapõem-se a ela. Essa análise é relevante e nos ajuda a compreendermos porque as prostitutas e os cabarés são sujeitos e espaços marginalizados.

Em seguida, será abordado o cotidiano do cabaré *Ferro Vei* como um espaço submetido à práticas de violência de indivíduos que se consideravam os “donos do pedaço”. Assim, discussões, brigas e agressões serão aspectos situados nesse espaço. Por último, serão abordadas as práticas de discriminação e preconceito contra as prostitutas desse cabaré.

2.1 A mulher: Entre a Santa Virgem Maria e a Eva Pecadora

De acordo com Margareth Rago (1985), havia vários discursos, até boa parte do século XX, em torno da figura feminina para defini-la e representá-la. De maneira geral, tais discursos tinham a intenção de restringir sua atuação na sociedade e segregá-la num determinado espaço.

Os homens deveriam atuar na esfera pública, através do trabalho, fora de casa, e a mulher através das tarefas domésticas, no espaço privado do lar. Executando as atividades domésticas, cuidando do esposo e dos filhos estaria adquirindo a imagem de uma boa esposa e mãe.

De acordo com os parâmetros masculinos da época, à figura do homem era dada toda liberdade de ir e vir. Este poderia transitar livremente pelos espaços públicos, diferentemente do que se esperava de uma moça decente,

instruída para guardar os bons costumes e comportar-se de forma reprimida, pois a esta era destinada o espaço familiar da casa (PINHEIRO, 2012, p.42-43).

Havia assim uma segregação dos espaços de atuação do homem e da mulher na sociedade, o que se refletia na repressão e na falta de liberdade para esta última. Essa segregação e subordinação da mulher reflete uma visão androcêntrica da sociedade, em que

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres[...] (BORDIEU, 2005, p.18).

Contudo, antes mesmo da mulher se casar e para se casar, seria necessário ela “ser” uma “moça de família”. Esta era aquela que possuía todas as características que uma mulher deveria ter para se casar: ser reservada, discreta e, sobretudo, virgem. “Para muitos, a castidade era sinônimo de ingresso em um bom casamento e orgulho para os pais da noiva, pois esta se manteve pura até a união matrimonial” (PINHEIRO, 2012, p.15). Bernardo Pereira Sá Filho acrescenta que “[...] a virgindade era sinônimo de honra e a condição para a mulher transitar livremente em todos os lugares de sociabilidades” (SÁ FILHO, 2008, p.38).

A virgindade, de fato, era o passaporte para a mulher ser respeitada e não ser confundida com o seu oposto – as prostitutas. Até o casamento, as moças deveriam permanecer virgens e, tanto antes como durante o casamento, deveriam manter uma conduta impecável. Em suma, o recato era uma das peças chaves dessa conduta e o sexo tinha como finalidade única entre o homem e a mulher, unidos pelo matrimônio, a procriação. De acordo com Foucault,

Esse fim procriador figurava entre as funções para se casar; era ele que tornava necessária as relações sexuais no casamento; sua ausência, aliás, podia dissolver a união conjugal[...] Era também para evitar o inconveniente das descendências ilegítimas que se fazia objeção às objeções as relações extramatrimoniais (não somente para mulheres, como também para homens) (FOUCAULT, 1985, p.167).

O autor aponta que as relações sexuais tinham como finalidade não só a procriação, mas a garantia de herdeiros legítimos, pois as descendências ilegítimas e extraconjugais eram repreendidas pela sociedade. Não só as relações extraconjugais eram condenadas, mas também o prazer sexual. Os sentimentos e os desejos mais libidinosos eram reprimidos no interior da família. O ato sexual não poderia ser feito para satisfazer os desejos sexuais, mas

deveria ser apenas, uma forma de garantir a reprodução de herdeiros legítimos. Assim haveria normas estritas de comportamento, principalmente para que a esposa fosse considerada uma mulher “honesta”.

Segundo Rago (1985), o discurso médico sobre a condição feminina girava em torno da ideia de que a maternidade seria o destino natural das mulheres. O discurso burguês também reforçava essa concepção, “[...] a mulher, destinada à carreira da maternidade, não pode procurar o prazer no coito, e a ideia de orgasmo materno se torna algo escandaloso ou mesmo impensável” (RAGO, 1985, p.82).

O prazer sexual entre marido e esposa era, portanto, condenado pela Igreja Católica, valores morais e normas de convivência social oriundas de instituições estatais e civis [...]” (2008, p.46). A principal instituição vigilante das condutas, principalmente femininas, era a Igreja Católica.

Mas como os rapazes adquiriam experiência sexual já que as “moças” deveriam permanecer virgens até o casamento? E, como os homens casados satisfaziam seus desejos sexuais já que o prazer conjugal era condenado pela moral vigente? A quem o prazer sexual era permitido?

Apesar de o prazer, sobretudo entre esposa e marido, ser algo condenado pela Igreja Católica e outras instituições, “[...] o direito ao prazer no ato sexual é reservado ao homem, enquanto que a mulher deve manter sua castidade mesmo depois de casada” (RAGO, 1985, 2012). O fato de os maridos não assegurarem prazer sexual às suas esposas era, na moral vigente daquela época, uma forma de respeitá-las. Mas reafirmar a masculinidade, através do prazer sexual, era uma dos papéis sociais dos homens.

As primeiras relações com mulheres eram fundamentais na construção da masculinidade, se as relações com os animais já mostravam o interesse pelo sexo, a força da virilidade masculina, a relação sexual com mulheres lhe colocaria em outro patamar na sua construção como homem adulto, passaria a ser percebido, a partir daquele dia, de outra forma pelos pares. Muitas vezes, os homens mais velhos da família patrocinavam ou ficavam satisfeitos em saber das atividades sexuais dos mais novos, sinal de virilidade e macheza (CASTELO BRANCO, 2008, p. 88-89).

O autor demonstra que até o século de XIX, muitos rapazes praticavam relações sexuais com animais e isso já era um sinônimo de virilidade e macheza. No entanto, a relação sexual com mulheres reafirmava ainda mais a masculinidade, sendo que os homens mais velhos ficavam satisfeitos e patrocinavam as iniciações sexuais dos rapazes mais jovens. Como as “moças de família” deveriam se manter virgens até o casamento, os rapazes

deveriam reafirmar a virilidade com mulheres que não se enquadrassem nessas condutas: as prostitutas.

Mas quem seriam as prostitutas? O que seria a prostituição? De acordo com Holanda, a prostituição pode ser conceituada como “a troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais, financeiros [...]” (HOLANDA, 2013, p.29). Assim, a prostituição é um tipo de relação comercial, pois “numa relação comercial, cliente é aquele/a que compra um objeto ou um serviço. Numa relação prostitucional, cliente é aquele que paga para obter sexo, com o qual as mulheres mantêm relações sexuais em troca de dinheiro, outras coisas de algum valor ou favores, caracterizando troca de serviços” (FÁVERI, 2011, p.7). Quando o cliente não paga os serviços sexuais fornecidos para ele, essa relação deixa de ser configurada como comercial e, muito menos como prostitucional.

Segundo Oliveira, a história da prostituição no Brasil remonta a partir do período colonial, em que o país “foi povoado de forma arbitrária para desafogar Portugal daqueles que socialmente agrediam os papéis sociais da então metrópole, sendo enviados para a colônia os agregados, falidos, e até mesmo prostitutas, todos com a função de dar identidade social à então colônia descoberta” (OLIVEIRA, 2010, p.258). De acordo com o autor, a chegada da Coroa ao Brasil teve como um de seus resultados o inchaço populacional no espaço urbano e a falta de oportunidades de emprego para os imigrantes que vieram para o país posteriormente. Com a escassez de empregos, principalmente para as mulheres, muitas delas exerciam atividades relacionadas, preconceituosamente, à prostituição tais como, ser trabalhadoras domésticas, artesãs, cartomantes, lavadeiras, dançarinas e atrizes.

Holanda (2013) acrescenta que a própria montagem do sistema colonial trouxe consigo órfãs, viúvas e adúlteras – consideradas como prostitutas – que foram trazidas para a colônia para se casarem com os colonos. A autora diz que o fato de se trazer não só órfãs como viúvas e adúlteras, foi uma tentativa da Igreja Católica de conter as relações sexuais ilícitas tanto dessas mulheres como dos colonos que se envolviam com as nativas. Assim, as órfãs, viúvas e adúlteras eram trazidas para se casarem com os colonos, formando assim uma relação lícita, que era nada menos que a união monogâmica dos casais, ou seja, o casamento.

A ordem natural desejada por Deus era a do casamento. Fora dela reinavam o pecado e a devassidão [...] o próprio casamento era uma forma de manter contida tanto a sexualidade feminina quanto a masculina, além de aumentar a população, já a procriação bem vista era a do casal legítimo e monogâmico. O sexo ideal aprovado pela Igreja e pelo Estado era o praticado pelos casais unidos pelo matrimônio cristão (WEHLING, 1999, p. 244 apud HOLANDA, 2013, p.14).

Apesar dessa moral rígida e monogâmica pregada pela Igreja Católica, o sexo não era praticado apenas no espaço privado, na casa do casal, mas também no espaço público, fora do lar, ou melhor, nos cabarés. Fora do lar, o sexo era praticado por indivíduos, homens e prostitutas, no intuito de se adquirir o prazer, que não era permitido ou pelo menos não era aceito pela moral religiosa entre maridos e esposas. Assim, as prostitutas tinham uma importância muito grande para a sociedade na medida em que funcionavam como uma válvula de escape para que os impulsos sexuais dos homens fossem satisfeitos, já que com suas esposas isso não era permitido.

A prostituição é focalizada [...] como transgressão a uma ordem moral acentuadamente rígida e castradora. ‘Queda abismal’ em relação a um centro de normalidade, sua função principal seria a de aliviar esporadicamente a tensão criada pela imposição de estritas regras de comportamento sexual, permitindo aos homens e às mulheres desviantes dar “vazão” aos impulsos libidinais represados no interior da família nuclear (RAGO, 1991, p. 21).

A prostituição constituiu-se não só como uma atividade exercida pelas mulheres motivada por condições financeiras, mas como uma forma de transgredir a moral na medida em que as prostitutas tanto davam como poderiam obter prazer com os clientes. Como dentro do espaço familiar, privado, não se poderia dar vazão aos desejos sexuais, o cabaré, espaço público, surge como lugar de adquirir tais desejos. Na medida em que essas práticas eram consideradas como ilícitas pela família, pela Igreja Católica, pelo Estado etc, tanto as prostitutas como seus clientes eram considerados sujeitos desviantes das normas vigentes. Podemos observar, dessa forma, as dicotomias da conduta feminina: havia as mulheres honestas, aptas ao casamento, e as devassas que não estariam aptas para a vida conjugal.

A conduta feminina era então veiculada em esferas opostas, na esfera privada estava a esposa, e, na esfera pública a prostituta, ou seja, havia uma nítida separação entre as mulheres que seriam ou não aptas ao casamento e as que eram designadas apenas a momentos furtivos de prazer (HOLANDA, 2013, p.16).

O discurso da Igreja Católica sobre a mulher também era expresso por duas esferas opostas.

Identificada à religiosa ou mesmo considerada como santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário a mulher sensual pecadora, e principalmente a prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem (RAGO, 1985, p.82).

Assim, a esposa seria associada à figura da virgem Maria e do bem, porque abnegava seus desejos sexuais para cuidar dos filhos e do marido, na esfera privada; e a prostituta, mulher pública, associada à Eva e ao mal porque possuía uma conduta devassa, na medida em que praticava sexo desregradamente e conduzia o homem ao pecado.

Havia assim uma contraposição de valores, que refletia no tratamento dispensado dado às mulheres, tanto às “Virgens Marias” como às “Evas”, o que refletia na própria segregação dos espaços pelos quais elas deveriam ou não frequentar. Para as primeiras “(confiava-se) [...] a família, a casa, núcleos da vida privada” (PERROT, 1988, p.178). Elas poderiam circular, entrar e sair livremente em clubes, praças, igrejas – espaços considerados como “centros” de pessoas honestas e de família. Já para as segundas restavam apenas ruas e os espaços considerados marginais, como botequins e cabarés.

Apesar dessas dicotomias, o fato é que as prostitutas exerciam uma importante função na sociedade brasileira pois, até meados do século XX, muitos rapazes adquiriam sua primeira experiência sexual com prostitutas, enquanto que suas futuras esposas, deveriam permanecer virgens até o casamento. Nesse sentido, as prostitutas davam prazer aos rapazes e contribuíam para assegurar a honra das moças aptas ao casamento.

De acordo com Sá Filho, a prostituição não era associada apenas àquela que fizesse sexo através de uma relação comercial, mas também àquelas que não permanecessem virgens até o casamento. A diferença entre ambas era a seguinte: “uma que apenas praticara ou praticava o sexo ilícito, sem um contrato, através do casamento (religioso ou civil) e a que fazia sexo estabelecendo com o parceiro uma relação comercial e contratual de duração efêmera” (SÁ FILHO, 2006, p.99).

Muitas vezes, o casamento civil e/ou religioso era uma forma de reparar a honra da família da moça desvirginada, pois “a perda da virgindade de uma mulher não reparada através do casamento, manchava a imagem e a identidade pessoal, familiar e social” (SÁ FILHO, 2008, p.122). Por esses motivos, havia uma preocupação muito grande com a conduta feminina, principalmente por parte da família das moças que, por isso, toleravam a prostituição. Havia, dessa maneira, um discurso ambivalente sobre a prostituição.

Assim as prostitutas também asseguram a honra das esposas na medida em que forneciam o prazer necessário aos maridos daquelas, conduta que não era permitida às esposas. [...] por um lado dizia-se que era um mal necessário, por outro, dizia-se que se constituía num perigo físico e moral, causa de doenças e devassidão dos costumes, consequência da cópula desenfreada e desregrada. O praticante da prostituição passava a ser visto como um libertino, um ser de impulsos sexuais incontidos e sem limites (SÁ FILHO, 2006, p.68).

Muito embora as prostitutas exercessem o papel de preservar a honra feminina e a união matrimonial, elas eram sujeitos marginalizados porque, segundo preceitos católicos, corrompiam o ideal de família e os papéis que uma mulher deveria desempenhar, ou seja, ser unicamente mãe e esposa.

[...] a prostituição, não se inseria no modelo de família tradicional, pois, no ato de prostituir-se, surgia uma ideia de liberdade, prazer, descompromisso, divertimento fora do espaço familiar, assim como também, diferente dos preceitos religiosos, era uma atividade que não estava vinculada a ideia de procriação [...] O meretrício, de acordo com o discurso católico e de pessoas que compartilhavam dos ideais conservadores, também estava associado a uma prática marginalizada que corrompia os papéis de mãe, mulher honesta e fiel (PINHEIRO, 2012, p.18).

É a partir dessa ideia que percebemos como surgiu o preconceito e a marginalização das prostitutas enquanto sujeitos opostos ao conceito do que é ser “moça de família”. Os discursos do início do século XX, de maneira geral, estereotipam a mulher definindo um padrão para identificar aquela que fosse prostituta.

[...] Ela tem ‘um andar, um sorriso, um olhar, uma atitude que lhes são próprios; é preguiçosa, mentirosa, depravada, extremamente simpática ao álcool, despreocupada do futuro, e muitas vezes destituída de senso moral’. Antítese da esposa honesta, a mulher da vida tem um ‘apetite sexual [...] inato e incontido, que muitas vezes leva a precocidades, muitas vezes fantásticas, na prática de perversões ou mesmo do coito’ A puta é a aquela que gulosa e incontrolável, adora os excessos: de álcool, de fumo e de sexo (RAGO, 1985, p.89).

Percebemos que a prostituição era vista como uma atividade anormal, desviante e degradante e, por isso, continua marginalizada. As prostitutas, na maioria das vezes, desempenham tal atividade pelo fato de não conseguirem se inserir no mercado de trabalho “convencional”, o que influenciava na situação de pobreza em que muitas delas viveram ou vivem. Bernardo Pereira Sá Filho formula essa hipótese, se reportando à Teresina nas décadas de 30 a 70, “Seria a prostituição, neste caso, uma prática [...], ligada à situação de pauperização de muitas mulheres [...]” (SÁ FILHO, 2006, p. 54).

A sociedade, embora não se afirme dessa forma, é conservadora e preconceituosa, pois culpabiliza as prostitutas pelo fato de exercerem uma atividade fora do padrão da normalidade. Margareth Rago nos remete a um discurso de um médico, que viveu no século XIX.

[...] o médico F. Ferraz de Macêdo, em sua tese de doutoramento sobre a prostituição no Rio de Janeiro, de 1873, conclui que entre as várias causas

que favorecem a prostituição pública, destacam-se: a ociosidade, a preguiça, o desejo desmesurado de prazer, o amor ao luxo, a miséria financeira, que leva a mulher a buscar recursos próprios fora do lar, o desprezo pela religião, a falta de educação moral, e principalmente o temperamento erótico da mulher (RAGO, 1985, p.86).

A sociedade impõe uma marginalização àquelas que vivem na prostituição. Culpabilizando as prostitutas pelo comércio sexual de seus corpos, a sociedade isenta sua própria culpa, na medida em que, muitas vezes, é por causa da concentração de renda e, conseqüentemente, da falta de trabalho considerado como “normal”, que muitas utilizam a prostituição como alternativa de sobrevivência.

Porém, como toda regra tem suas exceções, há casos em que a prostituição é, de fato, uma escolha, pois de acordo com Simone de Beauvoir (1967), muitas vezes a prostituição é encarada pelas mulheres como um meio provisório de aumentar seus recursos.

De fato, a prostituição está associada, geralmente, à dificuldade de se inserir no mercado de trabalho convencional e muitas mulheres, inclusive brasileiras que vão se prostituir ou são levadas para exercer tal atividade em outros países são escravizadas, o que gerou ampla discussão nacional, sendo uma temática retratada em novelas como *Salve Jorge*¹ da autora Glória Perez. Porém, apesar da grande audiência e popularidade da novela ter impulsionado debates sobre a prostituição e escravidão sexual, estes temas já eram objeto de discussão nacional muito antes da exibição daquela. Segundo Adriana Piscitelli, “a partir de finais da década de 1990, as discussões sobre gênero e migração internacional estão marcadas pela preocupação que provoca a inserção das mulheres na indústria transnacional do sexo” (PISCITELLI, 2009, p.179).

Os estudos de Bernardo Pereira Sá Filho e Simone de Beauvoir sobre a prostituição foram focados na primeira metade do século XX, décadas bem anteriores à nossa geração. Na contemporaneidade muitas coisas mudaram. Por exemplo, atualmente, a mulher não precisa necessariamente trabalhar num cabaré para se prostituir, ela pode optar por se prostituir em sua própria cidade ou em outras cidades, em casa ou em quarto alugado, etc. Muitas vezes, a mulher é casada, mãe de família e se prostitui sem que a família saiba.

[...] no aspecto privado, havia mulheres de ‘família’ e as casadas que as regras e também se prostituíam, entretanto, o faziam no mais absoluto segredo e sigilo, assim demonstra que não é necessariamente em um cabaré que pode ocorrer a prostituição, muitas mulheres a praticavam sem, contudo, deixar seu prestígio ser abalado, e as outras mulheres que se prostituíam e

¹ Novela exibida na rede Globo no ano de 2013, cuja temática principal era o tráfico de mulheres, principalmente para a Capadócia e Espanha.

assumiam-se como donas do seu próprio corpo, geralmente ocupavam os espaços públicos, reservados a tais atos, os cabarés (HOLANDA, 2013, p.36).

Existem, portanto, novas configurações, embora ainda existam as antigas configurações, e justificações para que uma mulher seja ou queira ser prostituta.

Toda a construção da identidade da mulher como ser social contribui com o desenvolvimento da prostituição, pois as mulheres tornaram-se mais autônomas, livres, buscando a cada dia o poder e controle sobre suas ações, perdendo o medo de desgarrar-se da família ou de perder a identidade de boa moça perante os olhos da sociedade, resultando na busca pela prostituição de elite, em que meninas de boa família prostituem-se na perspectiva de obter grande poder aquisitivo, desejando a mística vida fácil. Não se pode perder a complexidade de objetividades que giram em torno dessa prostituição, pois muitas mulheres sustentam a família, pagam faculdade e visualizam um futuro melhor, e outras utilizam a prática para adquirir roupas de grifes, para entretenimento e uso de drogas, porém todas possuem seu poder, seja para demarcar seu território ou para seduzir e conquistar clientes (OLIVEIRA, 2010, p.260-261).

Assim, percebemos que com o passar do tempo, a mulher adquiriu mais liberdade e poder sobre si mesma, sendo que a atividade sexual antes do casamento não é mais fator de marginalização na sociedade brasileira. Por isso, muitas mulheres exercem a prostituição sem temer os julgamentos da sociedade, sendo que nem sempre a prostituição tem como causa a falta de recursos, pois muitas se prostituem por prazer e/ou diversão.

De acordo com Oliveira (2010), a prostituição de elite é aquela em que muitas garotas de “boa” família prostituem-se para obter mais poder aquisitivo, adquirir um curso superior ou até mesmo comprar roupas de grife. Existem, portanto, formas e espaços diversos de atuação das prostitutas.

Os lugares de atuação passam por grandes variações. Do bordel fétido aos canais sedutores e imagéticos das infovias. Da bêbada purulenta que trafega pelas vielas das grandes cidades trocando suas carnes por uma pedra de crack à devota e exuberante deusa lançada em sites eletrônicos ou Casas de massagem com luxuosos equipamentos lançados nas grandes cidades. O descompasso entre o feio e o belo, entre o bem e o mal devem recompor a passagem do prazer feminino e o lugar da prostituição (VASCONCELOS, 2010, p.274-275).

A variabilidade de espaços e meios de se praticar a prostituição parece influenciar no comportamento das outras pessoas frente à essa prática. Pois parece que quando é exercida nas ruas ou no cabaré, a prostituição é mais marginalizada pela sociedade.

2.2 Entre facas e espingardas: Memórias sobre o cotidiano do *Ferro Vei*

“Nos cabarés eram vivenciados vários tipos de relações, eram espaços de lazer, sociabilidade, prazer e perigo” (PINHEIRO, 2012, p.39). Especificamente, o *Ferro Vei* era (é) um cabaré cujo espaço não se destinava apenas para a comercialização do sexo, pois nem sempre os clientes iam para esses ambientes em busca de prazer sexual.

De acordo com Sá Filho: “[...] muitos que iam à ‘zona’, não o faziam sempre à procura de sexo, mas como lazer e entretenimento fora da alcova” (2008, p.61). A maioria dos cabarés sempre tem um espaço paralelo, o bar, que também é um espaço de sociabilidade. Assim, o lazer e o entretenimento também eram motivos para as pessoas, ou melhor, os homens frequentarem o cabaré.

Muito embora o cabaré fosse um espaço de sociabilidade, era também um ambiente marginalizado, por que ali habitavam/ moravam pessoas que não atendiam aos padrões de conduta e moralidade exigidos pela sociedade, pois “a prostituição feminina era considerada não contrária aos ideais de fidelidade, casamento e família, dentro de uma parte conservadora da sociedade que consagrava como correto as relações monogâmicas estabelecidas entre homens e mulheres” (PINHEIRO, 2012, p.17).

Ainda hoje, embora as pessoas encarem com mais tolerância o cabaré e as prostitutas, muitas daquelas ainda corroboram com essa ideia, o que reflete numa nítida segregação dos espaços e, conseqüentemente, das pessoas. Sá filho diz que em Teresina-Piauí, no início do século XX, havia a oposição dos espaços: “aos ambientes considerados ‘familiares’, como o lar e os clubes, se opunham os bares, botequins e cabarés que eram classificados como espaços perigosos, de indisciplina e libertinagem” (SÁ FILHO, 2008, p.62).

Paralelamente, havia distinção entre pessoas de classes, raças e sexo diferentes. Com relação às mulheres elas também eram distinguidas e segregadas conforme a conduta que adotassem perante a sociedade. À “mulher de família” opunha-se a figura da prostituta e, como já foi dito anteriormente, as prostitutas eram e são sujeitos marginalizados, reflexo do preconceito expresso pela maioria das pessoas. Por causa disso, em especial, a “mulher de família” deveria frequentar espaços considerados como ambientes de “família” para que não fossem confundidas com o seu oposto: as prostitutas. Estas, portanto, deveriam confinar-se nos cabarés.

Assim sendo, as práticas de preconceito não são direcionadas apenas contra as prostitutas, mas aos espaços por elas frequentados e habitados. Nesse sentido, o cabaré, espaço de sociabilização entre clientes e prostitutas e de comercialização da atividade sexual,

também passa a ser marginalizado, não só por causa das prostitutas, mas também por causa de homens que frequentavam esse espaço, pois muitos deles eram além de farristas, baderneiros e violentos – “os valentões”. O cabaré passa, então, a ser visto como um espaço de violência no qual indivíduos destemidos impõem sua força física às prostitutas e à outros que com eles medissem força. Na maioria das vezes, eram indivíduos que, embriagados, ficavam afoitos.

Pollak (1989) diz que atores e processos intervêm na constituição e formalização das memórias. Assim sendo, analisaremos o discurso de D. Maria de Odila a partir de suas reminiscências sobre o cotidiano do *Ferro Vei*. Por um lado, consideramos que ela é protagonista dessa história, pois além de ser dona do *Ferro Vei*, ela vivenciou o cotidiano desse cabaré. Por outro lado, nos remeteremos à ideia de que “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’, no caso a memória nacional” (POLLAK, 1989, p.4).

Assim sendo, ao privilegiar, neste capítulo, o discurso de D. Maria de Odila, daremos voz a uma memória considerada como subterrânea. Vale ressaltar nas entrevistas feitas com D. Maria de Odila, ela fala os nomes de algumas pessoas citadas em situações constrangedoras e, por isso, transformamos alguns nomes em pseudônimos para que a identidade destas pessoas seja preservada, pois “[...] necessitamos dialogar sobre a ética e a responsabilidade do uso que fazemos de tais histórias de vida, sobretudo, porque estamos lidando com pessoas vivas, que expressam sentimentos, modos de vida, projetam o futuro” (MONTEIRO, 2010, p.136).

No *Ferro Vei*, era muito comum casos de violência. Havia homens que frequentavam seu estabelecimento e se sentiam os “donos do pedaço”, não aceitando recusas por parte das mulheres que ali trabalhavam e, por isso, muitas vezes elas eram agredidas por eles.

[...] minha vida sempre foi...sofredora com esse negócio de cabaré, foi sofredora. Porque era naquele tempo que Gabriel Brigão² era bem valente tombém. Aí ele percurava ar mulher, elas num queria. Aí ele atirava, ar mulher corria, se escondia no mato e eu pá num deixa essar mulher só, corria tombém, me escondia mais elas, ficava escondida. (MORAES, 2013)

Havia casos até que as mulheres que trabalhavam com D. Maria de Odila eram carregadas do cabaré à força por homens que se sentiam proprietários delas.

² Pseudônimo.

[...]a Joaquina³ [...] chegou um home lá e pegou a *Joaquina* e butou dentro dum carro e abriu no mundo em percura de Valença. Aí na merma inda hora, *Edimilson*⁴ chegou atrás. Eu digo: *Edmilson o home correu, carregou Joaquina na marra sem ela querer ir*. Aí Edmilson pegou o carro e desabou. Foi. Fumo pegar ela em Valença. Eu e Edimilson, viu. Quando nós ia chegando em Valença, ele ia. Chegamo junto com ele, junto com ele. Aí, ele abriu a porta Joaquina correu. Aí nós corremo atrás de Joaquina, peguemo Joaquina e trouxemo pra casa. Mas ele já ia levando ela pro mundo. (MORAES, 2013)

De acordo com Fáveri (2011), o cabaré era o espaço no qual os homens se sentiam à vontade para reafirmar sua masculinidade.

O prostíbulo torna-se espaço de afirmação e aprovação social para os machos; porque ‘simbolicamente’, já diz tudo sobre a condição máscula do homem, lugar onde elas conseguem manter essa magia e imaginário que inebriam e confundem o sexo masculino, levando o homem a crer que ainda é o ‘senhor da situação’ ao imaginar que elas são submissas, quando o fazem se sentir poderoso mediante a realização de suas fantasias (SOUZA, 1998, p. 102 apud FÁVERI, 2011, p.9).

Nesse sentido, o fato de que as prostitutas realizam os desejos masculinos, embora seja numa forma de relação comercial na qual os homens enquanto clientes devem pagar pelos serviços, faz com que eles se sintam os “donos da situação” no sentido de que podem submeter as prostitutas à práticas de violência – consideradas por muitos homens como formas e sinônimos de macheza e braveza, características que, na mentalidade deles, deveriam ser intrínsecos à identidade masculina. Assim, as memórias aqui abordadas remetem à formação da identidade masculina e, sobretudo, nordestina no século XX.

De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2003), no início do século XX, houve uma ampla militância cultural e intelectual para redefinir o que seria o Nordeste e o nordestino. Essa militância tinha como intuito resgatar o passado regional e patriarcal que estava entrando em crise com a sociedade matriarcal “efeminada” daquele século. Assim, elementos como valentia, braveza e coragem fariam parte da identidade nordestina.

O nordestino, portanto, fruto de uma história e uma sociedade violenta teria, como uma de suas mais destacadas características subjetivas, a valentia, a coragem pessoal, o destemor diante das mais difíceis situações [...] Coragem e um apurado sentido de honra seriam características constituintes desses homens, que não levariam desaforo para casa (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p.193-194).

³ Pseudônimo.

⁴ Pseudônimo.

De acordo com essa perspectiva, os homens que frequentavam o cabaré de D. Maria de Odila e agrediam as mulheres do *Ferro Vei* se enquadravam nesse modelo de identidade masculina e nordestina. Quando morava nos *Tinguis*, D. Maria de Odila relatou que havia dois homens que sempre iam ao seu cabaré e agrediam as mulheres. Mas, no decorrer dos depoimentos, ela relatou, contraditoriamente, que tinha medo que os policiais prendessem os agressores, não esclarecendo o motivo.

Lá nos Tingui, Chicão⁵... era o valentão daqui. Era Chicão... e Gabriel Brigão⁶ (risos). Aí, quando foi um dia, Chicão... pegou a mulher de casa e deu uma pisa danada. A mulher chamava *Maria*. Aí a mulher queria ir dá parte, aí eu digo: *Não vá. Não vá dá parte que eu não admito você dá parte de Chicão, não.* Sei que ela saiu doida na carreira. Por azar, por azar, quando ela sai na carreira topa com o Camso, que era um sargento que já vinha numa patrulha muito grande de Oeiras, numa briga que tinha aí dum lado. Aí...lá a polícia chegou, pegou Chicão lá em casa. E Gabriel Brigão que era o bagunceiro também tava deitado numa rede, que tava morto de bebo. Aí eu digo: Gabriel Brigão, óia já vão levando Chicão... e eu não posso dá jeito, porque pegaram ele aculá no caminho. A polícia vinha lá por lado de Picos e a mulher ia na carreira e a polícia perguntou o que era e a mulher disse que era Chicão que tinha dado nela. (MORAES, 2013)

Não fica claro por que ela não denunciava esses homens à polícia. Talvez isso se explique pelo fato de que eles eram frequentantes assíduos do seu estabelecimento gerando, portanto, uma fonte de lucro ou ainda porque tinha laços de amizade com eles. Outro motivo seria o próprio medo que ela tinha de sofrer retaliação por parte deles. Pierre Bourdieu explica esse fenômeno a partir da ideia do poder simbólico exercido pelos homens sobre as mulheres: “[...] O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque constroem o poder” (BORDIEU, 2005, p. 52).

O medo que D. Maria de Odila e as prostitutas de seu cabaré que presenciaram ou sofreram violência masculina pode ter contribuído para o silenciamento dela frente às autoridades policiais; o que, contraditoriamente, legitima ainda mais a violência praticada contra as mulheres.

A violência contra as prostitutas muitas vezes era justificada pelo fato de que elas eram consideradas inferiores pela sociedade e, por isso, elas eram maltratadas. “[...] As pessoas iam pro *Ferro Vei* e a maioria deles é...batiam né...nas mulheres...se embebedavam, batiam. Batiam por que? Porque elas, elas eram a ralé, com o se elas fossem inferiores às suas mulheres ou às pessoas ditas da sociedade, né?” (CARVALHO, 2013).

⁵ Pseudônimo

⁶ Pseudônimo

Para a maioria das pessoas, os atos de violência praticados contra as prostitutas ganhavam legitimidade na sociedade porque elas eram consideradas como “mulheres da vida”, desonradas e desonestas e, por isso, elas teriam que aguentar tudo de seus clientes e de todos que quisessem agredi-las, ofendê-las e maltratá-las.

Além das agressões cometidas dos homens contra as mulheres, havia também as disputas e brigas praticadas pelos homens entre si, geralmente, para demonstrar quem era mais “macho”, o que causava muito medo para D. Maria de Odila.

Ó, o tanto que eu sofri. Quando foi outro dia, Edimilson⁷ [...] Chicão⁸ e Gabriel Brigão⁹ pegaram uma briga lá em casa. Eles três. Aí *Gabriel Brigão* dizendo que era home e Chicão dizem: *Eu tombém sou home* [...] Aí o Edimilson dizia: *eu tombém sou home. Você só é mais home do que eu se você tiver não sei o quê, não sei o quê mais.* Aí o *Chicão* dizia tombém: *youê só é mais home do que eu...* Aí começou este teretê danado. Eu sei que neste teretê pegaram uma briga danada. Aí... Gabriel Brigão correu e foi se armar de novo. Chicão tava com um facão e o Edimilson. com outro, viu. E eu me apegando por todo santo. (MORAES, 2013)

Essas brigas dos homens entre si no cabaré *Ferro Vei* apontam para a reafirmação da identidade do nordestino no século XX em que “[...] a onipotência masculina se expressava em atitudes que punham constantemente em risco a sua vida e a vida de outras pessoas, isso não importava se o necessário era provar ser macho. O furar o outro com o punhal ou com a faca, assemelhava-se a uma atitude de virilidade e dominação” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 246). Assim, atos de violência eram formas de comprovar a macheza mesmo que isso pusesse em risco a vida de outras pessoas.

D. Maria rememora casos de violência, principalmente, quando ela morava nos *Tinguis*. Essa propriedade localizava-se próximo à propriedade *Tucuns* de João Cândido de Sousa. Quando ocorriam discussões, brigas e agressões físicas como essas, D. Maria e as mulheres que trabalhavam com ela, ficavam com medo e se abrigavam na propriedade daquele senhor.

Sabe onde nós fumo escapar nessa noite? Lá na roça de seu João Cândido, na roça de seu João Cândido. Tinha um aviamento muito grande lá. Nós corremo pra lá. Aí Adão meu irmão dormia lá em casa sempre mais eu. Aí eu acordei: *Adão, Adão, meu irmão, acorda que tá aqui tem uma briga danada, Adão! Vamo correr Adão!* E Adão dormindo que Adão dormia que caminhava era muito tempo dormino. Aí, ia pegano no braço dele. Aí merguramo assim embaixo dum arame da roça de seu João Cândido. Fumo

⁷ Pseudônimo.

⁸ Pseudônimo.

⁹ Pseudônimo.

esbarrar na roça de seu João Cândido. De lá nós só ouvia zuada e as mulher correr: *D. Maria, D. Maria!* Eu dizia: *Eu tô aqui, eu tô aqui na roça de seu João Cândido, escondido!* E as mulher correram tudo lá pontá eu. Foi de sofrimento, foi de sofrimento aqui. Todo tempo, viu. E aí...minha vida foi sempre assim. Foi sempre assim. (MORAES, 2013)

Além desses casos de agressão física e moral por parte dos homens seja contra as mulheres, seja entre eles mesmos, também, houve um crime, porém, desta vez, foi cometido por uma prostituta, durante um carnaval. Segundo D. Maria, Josefa¹⁰ era uma prostituta da cidade de Valença que tinha um romance com Antônio¹¹, um barbeiro de Inhuma. Gessy teria sido convidada para participar do baile de carnaval do *Ferro Vei*, porém ela afirmou que não iria e desdenhou da proposta de D. Maria de Odila.

João Barbeiro, que era barbeiro aqui na Inhuma, num sabe... Aí gostava de Josefa. Josefa é uma rapariga...era lá de Valença. Aí quando nós fumo o carnaval, se arrumemo tudo, aí fumo pontá essa Josefa. Chegou lá, eu disse: Josefa, *mulher eu vim te convidar pra tu sair aqui no carnaval mar nós.* Aí a resposta que Josefa me disse, me deu, foi esta bem qui, disse, deu: *Quando eu quiser pular, eu assubo pra riba duma casa, e pulo lá de cima de cabeça pra baixo, viu.* Eu disse: *Tá bom Josefa. Eu vim lhe convidar porque você é mulher da vida tombém, eu vim lhe convidar, mas a reposta sua pra mim foi esta. Tá muito bom. Pois eu não lhe chamo mais não. Não lhe chamo mais pra ir pra minha casa não.* (MORAES, 2013)

Porém, apesar de ter dito que não iria pra festa de D. Maria de Odila, Gessy surpreendeu a todos quando chegou no *Ferro Vei*. Quando avistou Antônio Barbeiro dançando com outras mulheres do cabaré, Josefa ficou enciumada e fez inúmeras provocações contra seu amante, ameaçando matá-lo. “É certo que há trocas sensíveis entre prostitutas e clientes que extrapolam relações puramente comerciais, como companhia, amizade, afeto [...]” (PASINI, 2005 apud FÁVERI, 2011, p.7). As prostitutas, assim como outras mulheres, têm sentimentos – que podem vir à tona na medida em que elas perdem a noção da relação comercial na qual estão inseridas com seu cliente – e, muitas vezes pode ser prejudicial, como podemos perceber na reminiscência abaixo.

Aí quandi deu de noite, nós chegemo do carnaval, aí fiz uma festa, fiz uma festa. Aí quando dé fé, Josefa chegou. Antônio tava dançano, Josefa chegou. [...] Antônio Barbeiro começou dançar...Ela avançano nele pra rasgar...com ciúme das outas mulher, num sabe. E ele pedino pra mim aquietar ela... Aí a...eu disse: Josefa, *mulher, te aquieta.* Aí uns home tava lá, os home disse: *Mar D. Josefa, você não disse que num vinha pro carnaval da mulher e você*

¹⁰ Pseudônimo.

¹¹ Pseudônimo.

vem só pra bagunçar. Viu. Aí a polícia chegou tombém [...]aí disse: Josefa, o que é isto Josefa? O carnaval tá tão bonzín mulher. Você vem...bagunçar desse jeito. Ela trazia uma faquinha destamainzinha dentro do seio. Viu? Aí quando o sar... o soldado bermassim, tomando a frente dela e a frente de Antônio Barbeiro. Que ela queria furar Antônio Barbeiro, tomando a frente dela e a frente de Antônio Barbeiro. Aí sabe o quê que ela fez? Fez bermo assim por riba dos soldado: Ó eu vou te matar. Foi e deu uma facada nele, deu uma facada nele. (MORAES, 2013)

D. Maria nos mostra que depois de tantas ameaças, Josefa, enciumada e não tendo a atenção que julgava ter merecido por seu amante, Antônio Barbeiro, empunhalou uma faca no mesmo, que faleceu logo em seguida. Pinheiro (2012) comenta sobre essa relação entre cliente e prostituta “[...] geralmente, aconteciam brigas entre as prostitutas quando da ocasião em uma pretender tomar o cliente de outra [...] era neste momento que o uso de giletes e facas eram comuns”. Assim, o ciúmes e a raiva eram sentimentos muito comuns no cotidiano do cabaré, em que algumas prostitutas acabavam se apaixonando pelos clientes e tomavam atitudes possessivas.

Além dos fatores emocionais, Priore (2000), retratando as festas do Brasil Colonial, acrescenta que as mesmas possuíam um papel ambíguo. Por um lado, as festas proporcionavam diversão e alegria momentâneas à população. Por outro, serviam como espaço ideal para desencadear confusões, brigas e “acertos de contas” na medida em que reunia uma grande quantidade de pessoas e que era possível encontrar os rivais e inimigos.

A aglomeração de pessoas, muitas delas vindas das vilas e povoados ao redor da cidade onde a festa se realizava, acabava por permitir que naquele espaço houvessem também violências de todo tipo e acertos de contas[...] A violência da festa tinha também por objetivo a defesa de situações, de privilégios, da honra ou mesmo descarregar a brutalidade [...] As mesmas festas que eram motivo de alegria, tornavam-se de um momento para outro razão de medo e dor, pois, em meio ao povo reunido, localizar rivais, contendores e desafetos, resolver negócios malfeitos ou traições era uma de suas características (PRIORE, 2000, p.119-120).

Apesar da autora se remeter a um período distante do nosso, percebemos que, talvez, a festa de carnaval feita no cabaré de D. Maria de Odila serviu como espaço para Josefa defender sua honra porque se sentiu traída, já que ela tinha, de acordo com os relatos, um caso amoroso com Antônio Barbeiro. Com relação à prisão dela, mesmo havendo policiais na festa, a princípio Josefa não foi presa. Ela fugiu e só algum tempo depois foi presa.

[...] Aí a polícia quis pegar ela, ela correu. Aí a polícia pegou Antônio Barbeiro e levou. Na estrada, João Barbeiro morreu. Bem na boeira. Foi bem na boeira (...) Ela furou ele por riba do soldado. Porque eu pagava

licença e os soldado tinha que ir à festa, que eu pagava licença, né. Eles ia pra lá. (MORAES, 2013)

João Barbeiro morreu na estrada a caminho do hospital. Esse crime deixou as pessoas muito abaladas e o cabaré de D. Maria passou a ser menos frequentado por algum tempo, tal como relata José Airton Rufino, mais conhecido como Zé Airton.

[...] o tempo mais cruel, agora eu lembrei, sabe qual foi? Foi no tempo que a Josefa matou o, o Antônio Barbeiro. Eu era criança. [Ela] Era mulher da vida, né, e foi cruel aquela época. Proibiram total. Ninguém pisava no cabaré. A gente ia escondido. Tinha acesso [ao cabaré] assim. (RUFINO, 2013)

Pelos relatos de D. Maria de Odila, a vida no cabaré nunca foi fácil. Ela rememora constantemente vários casos de violência ocorridos dentro do seu cabaré. Para Pollak, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 04-05).

Através dos relatos dela, também, percebemos que ela rememora fatos ocorridos quando a Inhuma ainda não era emancipada, pertencendo ainda à comarca de Valença do Piauí. Assim, o policiamento daquela região era feito por soldados vindos desta cidade e quando ocorria algum crime ou violência na cidade, eles demoravam a chegar à Inhuma, talvez por causa da falta recursos (transporte e armamento) ou por causa das estradas. Nesse sentido, era difícil punir os infratores, principalmente no cabaré, porque além de não ter policiamento no local, os “valentões”, que eram frequentadores assíduos do *Ferro Vei*, já tinham consciência da impunidade que aí havia. Pinheiro (2012, p.55) observa que no espaço dos cabarés da cidade de Picos-PI, conversas, sociabilidades, dor e drama eram elementos muito presentes nesses locais, pois “era frequentado por diferentes tipos de sujeitos históricos de mentalidades e comportamentos diversos”.

2.3 As Prostitutas do *Ferro Vei*: Memórias sobre preconceito e discriminação

Além da violência física, havia a própria questão do preconceito com relação às prostitutas, que era e é relevante na cidade de Inhuma. José Airton Rufino afirma que adquiriu contato, ainda criança, com as prostitutas do *Ferro Vei* e com D. Maria de Odila, através do comércio de tecidos e produtos agrícolas do pai dele, onde ela ia fazer compras. Depois, ele

passou a ter uma atuação no bloco, ainda adolescente, e por manter contato tanto com as prostitutas como com D. Maria de Odila ele ficava de castigo.

[...] Quando eu fui ficando mais crescido, aí fui observando o, o...cabaré, né, durante o evento do carnaval e outros eventos que tinha, como o São João, aí a gente ia pra lá, fazia maquiagem nas meninas na época né? Fazia a decoração, arranjos, iluminárias, essas coisas...com as coisas que dava pra conseguir por aqui. Por conta disso, a gente ficava de castigo em casa, é...ficava...tinha pessoas que não falava com a gente, na época...com medo de ficar mal falado, né, tinha essas coisas. (RUFINO, 2013)

Pelo fato de se relacionar com as prostitutas e frequentar o cabaré de D. Maria de Odila, as pessoas também discriminavam Zé Airton porque, como já foi dito, as prostitutas e o cabaré eram e são pessoas e espaços marginalizados, o que fazia com que as outras pessoas se distanciassem dele para que a reputação delas fosse preservada. Assim, os espaços e as pessoas eram, portanto, segregados. Havia locais na cidade de Inhumas em que as prostitutas eram impedidas de entrar. José Airton Rufino relata que houve uma época em que os negros e as prostitutas não podiam entrar no clube da cidade, o *Inhumense Clube*.

Eu lembro demais duma que tinha aqui na Inhumas, uma prosti... uma prostituta...que eles chamavam rapariga, né. Aí não... chegou na porta do clube e queria...é... falar com a filha dela que tava dentro. Ela era “PPP”- Preta, Pobre e Puta! PPP! E na época, ela ficou na portaria do clube. Ela tinha uma filha loira, branca. E a filha entrou com o namorado e ela ficou na portaria, não queria deixar a filha lá e não deixaram ela entrar. (RUFINO, 2013)

A própria D. Maria de Odila e seu filho Rodrigo, já passaram por constrangimento, não apenas por ser dona de um cabaré, mas pelo fato de ser mãe solteira, pois ter filhos sem ter uma relação matrimonial, naquela época, era sinônimo de ser prostituta. O filho de D. Maria foi impedido de entrar em um local por causa desse motivo.

[...] teve uma reunião ali em percura dali donde era o Açougue velho, ali nas casa por ali, aí o Rodrigo meu era menino, aí eu arrumei o Rodrigo muito bem pronto. Neste tempo eu tinha muito dinheiro, eu arrumei o Rodrigo muito pronto prele [...] prele ir lá pra essa reunião. Quando chegou lá, Seu Joaquim¹² disse que o Rodrigo num podia entrar na reunião porque ele era fí de mulher solteira. (MORAES, 2013)

Assim, o fato de ser dona de um cabaré ou prostituta, não é condição única para que haja preconceito contra tais mulheres, pois a própria constituição familiar composta por uma

¹² Pseudônimo.

mãe solteira era, na época, fator de segregação. De acordo com Monteiro (2010), a família da prostituta ou da cafetina, era considerada como uma família “às avessas” e isso se deve ou devia por causa da

[...] disparidade de viver em uma sociedade de homens em famílias chefiadas por mulheres; pelos discursos oficiais/institucionais que negam a essas mulheres a responsabilidade de criar filhos, pois são consideradas pessoas “ociosas”, “desacreditadas”, que não apresentam comportamento nem condições “morais” de criar sua prole (MONTEIRO, 2010, p.121-122).

De acordo com um dos entrevistados, alguns religiosos da Igreja Católica da cidade tinham repúdio às prostitutas, que não eram tratadas como cristãs por eles. Nesse sentido, muitas nem andavam na Igreja e o hábito de bater o sino quando alguém morria não se aplicava às prostitutas, pois elas eram vistas por boa parte da população como pessoas que não prestavam. Um exemplo disso foi o caso de uma prostituta que morreu atropelada e o senhor que cuidava da igreja, na época, disse que não iria bater o sino.

[...] (as pessoas) não permitia elas andarem na Igreja é...e as pessoas que frequentavam era tinha aquele, aquele...porque bem aqui, minha vizinha na época, tinha um pessoal que cuidava da igreja que ele, ele dizia: *eu não bato sino pra difunto que não presta*. E que morreu uma pro...uma mulher que trabalhava no cabaré, eu lembro, ela foi atropelada na frente do cabaré, ela foi atropelada aí [...] Não lembro o nome dela. Eu sei que ela foi atropelada aí na época chamaram ele pra bater o sino e ele disse que não batia o sino pra difunto que não prestava. Eu vi e ouvi ele dizendo isso. (RUFINO, 2013)

De acordo com Holanda (2013), essa defunta denominava-se Francisca e era proveniente do Maranhão e ela foi expulsa da casa dos pais porque teria perdido a virgindade. Ela passou um tempo trabalhando como prostituta na cidade de Picos e ao ter contato com o irmão de D. Maria de Odila, que era caminhoneiro, ele a convidou para ir trabalhar no *Ferro Vei* e ela aceitou. Morando/trabalhando no *Ferro Vei* que, na época, se localizava nos Tinguís, nas margens da Br 316, ponto estratégico para atrair caminhoneiros, Francisca foi atropelada. Porém, não se sabe se ela foi atropelada naturalmente ou se ela se ela mesma provocou esse atropelamento.

Em um determinado dia, coisa que não era habitual, talvez por vergonha, ela foi a feira da cidade que ocorria e, ocorre na segunda-feira, e quando chegou lá começou a cumprimentar e a se despedir das pessoas, muitas das quais embora que surpresas pela sua atitude falavam com ela, já que ela sempre era muito reservada. Então quando estava perto do anoitecer, todas as mulheres saíram para tomar banho no brejo que tinha perto do cabaré, ao chegar lá Francisca começa a brincar que estava se afogando e se despedia das meninas com um “até o dia do juízo”, as demais muito assustadas por

causa da brincadeira de mau gosto, vão embora para o cabaré e a levam com um pouco de relutância e discussão [...] (HOLANDA, 2013, p.45-46).

De acordo com autora, não se sabe se ela se suicidou ou se tais despedidas antes de sua morte seriam uma triste coincidência. O fato é que esse relato aponta para um suposto suicídio. Além disso, parece que Francisca nunca teria se conformado com a vida de prostituta e nesse dia teria se despedido das pessoas. Nenhum dos seus familiares soube de sua morte, já que eles não sabiam para onde ela teria fugido ou não teriam se interessado em procurá-la.

A partir de 1980, o preconceito contra a prostituição passa a ser ainda mais frequente. É a década em que a proliferação de doenças venéreas, em especial a Aids, foi muito grande e tudo que fosse relacionada a ela passou a ser observado. Como era uma doença, transmitida principalmente através do ato sexual passou a haver uma maior vigilância sobre a sexualidade das pessoas. “O corpo marcado pela doença venérea era estigmatizado pela sociedade, em decorrência da dimensão moral que a sociedade atribuía a esse tipo de doença, relacionando-a à libertinagem” (SÁ FILHO, 2008, p.131). A Aids, enquanto doença venérea, era uma doença geralmente associada a prostitutas e homossexuais, que segundo o senso comum eram os grandes transmissores da patogenia porque levavam uma vida sexual libertina e desregrada.

Na cidade de Inhumas houve muita preocupação principalmente por parte dos pais para que seus filhos deixassem de frequentar os cabarés: “Ah era um terror. Porque não tinha muito preservativo na época né. Eu lembro que uma época, na época, todo mundo ficou naquela: *Tu não vai*. Porque lá em casa mesmo minha mãe dizia: *vocês não vão fazer isso, porque...tão todas doente[...]*” (RUFINO, 2013).

“As sanções ao comportamento sexual, sobretudo de homens jovens ocorriam, muitas vezes, no interior da família e fora dela, o que era bastante traumático para qualquer indivíduo que viesse a contrair alguma *doença do mundo*” (SÁ FILHO, 2008, p.131). O autor acrescenta ainda que “as doenças sexualmente transmissíveis eram chamadas ‘*doenças do mundo*’, numa menção direta à prostituta, também chamada de ‘mulher da vida’ e considerada a principal responsável pela transmissão de tais patologias” (SÁ FILHO, 2008, p.134). Por isso, havia uma maior vigilância por parte da família dos rapazes que frequentavam ou queriam frequentar os cabarés, reforçando o preconceito e a marginalização sobre as prostitutas.

Na cidade de Inhumas, nessa época, as pessoas ficaram amedrontadas com a doença, principalmente aqueles que tinham se relacionado sexualmente com prostitutas “[...]Teve pessoas que ficaram...tiveram...síndrome do pânico com medo de tá com aids, porque tinha

transado com fulano, fulana” (RUFINO, 2013). Por isso, os cabarés, inclusive o *Ferro Vei*, tiveram uma redução de fregueses por conta desse preconceito. Além disso, nessa época, os meios de prevenção eram muitos escassos. Os preservativos eram “artigo de luxo” e muitas pessoas, quando adquiriam, nem sabiam como utilizar, conforme relata Zé Airton.

[..]quando estourou esse, essa a... história da aids, eu fui pra Recife aí lá tinha uma prima minha que tava cursando medicina e estagiando...aí eu ia encontrar com ela no hospital à noite. Aí ela me deu uma caixa deste tamanho de camisinha, né, que tinha acesso. Que eu vinha pra aqui, aí eu trouxe, quando eu cheguei aqui na Inhuma foi um sucesso essas camisinhas [risos]. Todo mundo queria [risos]. Tinha pessoas que lavava, botava pra secar pra usar de novo (RUFINO, 2013).

Através desse relato, sobretudo cômico, percebemos que muitas vezes o preconceito surge pela falta de conhecimento, pois além de não ter preservativos disponíveis na cidade de Inhuma, os cidadãos nem sabiam como utilizá-los, já que eles chegavam a reutilizá-los várias vezes e ainda acreditavam que estariam protegidos de qualquer doença sexualmente transmissível.

Várias pessoas, ou melhor, boa parte de homens inhumenses, que não tiveram acesso ao preservativo acreditavam que o casamento era uma alternativa de se praticar sexo de uma forma mais segura e saudável, não sendo necessário relacionarem-se sexualmente com prostitutas: “Houve muitas pessoas que casaram naquela época, é pra não ter que, né que... ter que, que...precisar [...] dessas mulheres” (RUFINO, 2013).

Percebemos que as pessoas de Inhuma, de maneira geral, associavam as “doenças do mundo” às prostitutas e, de certa forma, isentavam a culpabilidade dos homens na transmissão dessas doenças. Essas práticas não foram só locais, mas generalizadas em quase todo o mundo, durante muito tempo. Perceber a atuação da sociedade na condução do processo de marginalização das prostitutas é importante para entendermos as causas do preconceito.

Analisar os conceitos e concepções sobre a prostituição e as relações vivenciadas no cotidiano do *Ferro Vei* foram imprescindíveis para analisarmos uma representação do que foi o Bloco *Ferro Vei*, conteúdo do próximo capítulo, no qual serão abordadas as inversões ocorridas durante o período carnavalesco.

Vale ressaltar que, quando demonstramos a marginalização e o preconceito contra as prostitutas, não queremos nos apropriar de um discurso de “coitadismo” das prostitutas e nem que somos favoráveis à prostituição, mas que faz-se necessário compreender as raízes do preconceito. Além disso, discutir sobre a prostituição é imprescindível para a

compreendermos a história do bloco *Ferro Vei*, haja vista que foi um bloco criado por prostitutas.

3 O FERRO VEI: Carnaval e inversões

No Brasil [...] o carnaval é uma festa especial e também uma trapalhada, uma confusão, uma bagunça. Um momento em que as regras, rotinas e procedimentos são modificados, reinando a livre expressão dos sentimentos e das emoções, quando todos podem se manifestar individualmente.

(Roberto Da Matta)

O *Ferro Vei* é o primeiro bloco popular do carnaval de Inhuma e é conhecido em boa parte do Piauí.

[...] foi destaque em programas de jornal de Teresina. A televisão veio um ano e filmou o bloco...e apresentou em canais de Tv em Teresina, que ele ficou conhecido em todo o Piauí e até fora do Piauí...e por causa desse apoio que foi dado a esse bloco, ele ficou um bloco conhecido. Hoje o Piauí conhece...O principal bloco de Inhuma para o Piauí é o bloco *Ferro Vei*.(LEAL, 2013)

Os desfiles do bloco *Ferro Vei* constituíram-se como uma peculiaridade da cidade, em que algumas prostitutas desfilavam seminuas no percurso dos desfiles e havia grande participação da população nesses desfiles. É algo que diferencia Inhuma de outras cidades pequenas.

A maioria das prostitutas desfilava de calcinha e sutiã e houve vezes em que elas desfilaram apenas de calcinha. Cabe à nós perguntarmos porque houve tolerância por parte da população de Inhuma com relação a isso, já que a conduta das prostitutas não condiz com o que a sociedade julga ser ideal e honesto? Como, durante o carnaval, as prostitutas seminuas tornavam-se figuras centrais, protagonistas dos desfiles do bloco sendo que eram aguardadas e aplaudidas pelos cidadãos e visitantes nas principais ruas da cidade? Será que as características do carnaval contribuem para essa tolerância à seminudez e para o protagonismo das prostitutas?

O ritual carnavalesco focaliza e individualiza as prostitutas do bloco *Ferro Vei*, atribuindo a elas, momentaneamente, um significado novo, diferente daquele que lhes é ou lhes seria atribuído no cotidiano.

O ritual tem, então, como traço distintivo a dramatização, isto é, a condensação de algum aspecto, elemento ou relação, colocando-o em foco, em destaque, como ocorre nos desfiles carnavalescos e nas procissões, onde certas figuras são individualizadas e assim adquirem um novo significado, insuspeitado, anteriormente, quando eram apenas partes de situações, relações e contextos do cotidiano (DA MATTA, 1997, p.36).

De acordo com Da Matta, no rito carnavalesco o foco “parece ser o conjunto de sentimentos, de ações, valores, grupos e categorias que cotidianamente são inibidos por serem problemáticos. Aqui o foco é o que está nas *margens*, nos *limites* e nos *interstícios* da sociedade” (1997, p.64). Assim, as prostitutas que se situam na margem social são ressignificadas como pessoas que possuem atributos apreciáveis pela sociedade.

Durante o ano inteiro ou durante boa parte de suas vidas as prostitutas são negligenciadas e marginalizadas pela sociedade, mas durante o carnaval tornam-se figuras centrais nos desfiles do bloco, o que caracteriza uma inversão momentânea, na qual elas deixam de ser figuras marginalizadas, pelo menos por um momento, para serem protagonistas. Da Matta, explica que “a inversão carnavalesca brasileira se situa como um princípio que suspende temporariamente a classificação precisa das coisas, pessoas, gestos, categorias e grupos no espaço social, dando margem para que tudo e todos possam estar deslocados” (1997, p.171).

Da mesma forma, embora não seja tema principal deste trabalho, outros protagonistas do Bloco *Ferro Vei* são os homens que se vestem de mulher, ato que não é comum durante qualquer outra época do ano, caso eles não sejam atores ou travestis. Essa atitude caracteriza-se como uma inversão.

Durante o carnaval, essas inversões são permitidas sem que as prostitutas e os rapazes travestidos sejam constrangidos pela sociedade, pois de acordo com Ilma da Silva Araújo a festa carnavalesca “é o período que permite sexo, drogas, nudez, irreverência, nega-se o trabalho em nome da festa, finge-se esquecer do cotidiano, homenageia-se a desordem [...] a inversão é permitida. Por um momento, os indivíduos libertavam seus papéis a fim de realizar seus anseios” (ARAÚJO, 2005, p.33). As características do carnaval, portanto, contribuem para que atitudes irreverentes e incomuns sejam toleradas.

Peter Burke acrescenta que a festa carnavalesca faz com que os tabus cotidianos que coíbem a expressão de estímulos sexuais e agressivos são substituídos pela estimulação desses estímulos. Para ele, “o carnaval, em suma, era uma época de desordem institucionalizada, um conjunto de rituais de inversão” (BURKE, 1999, p. 214).

3.1 As prostitutas do Bloco *Ferro Vei*: De Coadjuvantes cotidianas a Protagonistas do carnaval

De acordo com Holanda (2013), havia uma segregação entre mulheres de família e mulheres da vida, o que repercutia também na segregação de espaços a serem frequentados por elas. Isso fez com que as prostitutas criassem um bloco de carnaval no qual ninguém poderia interferir. Além disso, até certo tempo não havia um carnaval público, em que todos poderiam participar e frequentar sem nenhuma restrição, pois o carnaval de Inhumas, até certa época, era privado, sendo realizado no clube, local em que muitas prostitutas foram impedidas de entrar.

O cabaré Ferro Velho deu origem a um bloco de carnaval [...] e se deu justamente quando as mulheres ‘fáceis’ ainda não podiam entrar e sair de todos os lugares, principalmente os ‘familiares’, e sequer podiam frequentar determinadas reuniões festivas, pois, na cidade de Inhumas o carnaval era restrito a poucos e as mulheres faladas não podiam frequentar, e assim, diante dessa segregação surgiu a formação do bloco [...] (HOLANDA, 2013, p.48-49).

Essa segregação dos espaços prejudicava, principalmente, as mulheres “fáceis” e o bloco *Ferro Vei* foi uma alternativa para elas, pois canalizou um espaço e um evento onde as prostitutas pudessem se manifestar e se divertir durante o carnaval. As ruas de Inhumas se convertiam, durante o carnaval, em palcos onde as prostitutas tornavam-se verdadeiras protagonistas, sendo que os desfiles do bloco eram ansiosamente aguardados e elas eram aplaudidas pela população inhumense, o que caracteriza-se como inversão social momentânea.

A inversão cria condições para a comutação entre domínios e elementos situados em posições descontínuas. É por isso que, no carnaval, as classes sociais podem se relacionar de “cabeça para baixo”. O elemento mediador entre elas não é somente o poder e a riqueza, mas o canto, a dança, as fantasias, a alegria. Em suma, a capacidade de “brincar” o carnaval (DA MATTA, 1997, p.81).

As prostitutas tornavam-se o centro da atenção da maioria das pessoas, que saíam até as calçadas para observar ou até mesmo acompanhar os desfiles. Mas nem sempre essa característica fez parte da configuração do bloco. De acordo com Dr. Alilo de Sousa Leal, no início, elas desfilavam, com vestimentas mais “comportadas”, pois a população era mais conservadora do que é hoje.

Sempre essas mulheres elas não eram muito cuidadosas com relação ao traje, né. Mas nos início não era como chegou a alguns tempos que as mulheres chegaram aí a...desfilaram praticamente semi-nua. Mas no começo não, sempre vestiam legal as roupas que cobria... parte do corpo [...] era um tempo que o povo tinha assim mais aqueles conceitos conservadores. (LEAL, 2013)

Com o passar do tempo, as prostitutas passaram a desfilarem seminuas e, de acordo com D. Maria de Odila, essa ideia não foi dela, mas das mulheres que queriam desfilarem seminuas. Ao ver, através da televisão, mulheres que desfilavam seminuas, principalmente, nos desfiles das escolas de samba exibidos na televisão, ela pensou que não teria nenhum problema.

[...] quando eu dizia assim pra elas: *mulher vamos fazer...* Elas: *Nam D. Maria é bonito é assim, eu quero o meu é assim. A ota dizia: Eu quero o meu é assim.* Aí a gente via passar aquelas roupa na televisão, aí eu dizia: nam, tem nada não, porque tá saindo nas televisão e é deste jeito né. (MORAES, 2013)

Segundo o entrevistado, conforme se passaram os anos, as prostitutas desfilaram de forma mais ousada: de calcinha e de sutiã e isso foi fruto da própria evolução e modernização da sociedade. A existência de revistas eróticas e a exibição da *Globeleza* – musa da propaganda de carnaval da rede Globo – foram fundamentais para que as mulheres ousassem durante os desfiles.

[...] chegou um tempo que elas desfilava até sem sutiã, só de calcinha. Teve um tempo aí que houve esse desfile, que elas vieram a avançar mais depois que surgiu a *Globeleza*. A *Globeleza* foi que incentivou a...as jovens, as mulheres a também mostrar, também mostrar o corpo, parte do corpo [...] com o avançar das coisas, o surgimento da, dessas revistas que ensina, que mostra... pousar nua, elas também tiveram...essa evolução. (LEAL, 2013)

De acordo com o ex-prefeito de Inhuma, a época que elas parecem ter mais ousado com relação à seminudez foi quando uma das prostitutas desfilou só de calcinha, com os seios pintados, o que teve uma repercussão muito grande tanto na cidade quanto no estado, pois o desfile foi transmitido na televisão.

[...] a vez que eu vi elas com mais, mais seminua foi exatamente através da televisão, quando a televisão filmou e mostrou pra...pra todo... pra o Piauí e até fora do estado do Piauí [...] eu vi na televisão... vi que teve uma pulando até sem sutiã, que a gente via o movimento do...dos peito balançando, ela lá muito animada. (LEAL, 2013)

A seminudez das prostitutas era uma das características mais marcantes do Bloco *Ferro Vei*. Essa característica não é comum apenas à esse bloco, pois "uma característica dos populares no Rio de Janeiro, na virada do século, particularmente de sua parcela feminina, foi garantir nela o seu espaço, dando lugar à movimentação e à exibição dos corpos, não obstante os preconceitos que enfrentavam" (SOIHET, 2003, p.186).

A exibição dos corpos femininos é muito comum durante o carnaval, porém a peculiaridade do Bloco *Ferro Vei* é que este era um movimento carnavalesco formado por prostitutas que desfilam seminuas numa cidade cuja população não chega a ter nem 15 mil habitantes. Além disso, tal população possui uma forte tradição católica, cujos preceitos são muito rígidos.

Mas por que esses desfiles em que mulheres desfilavam seminuas eram tolerados pela população? Por que as prostitutas eram aplaudidas, assumindo certo protagonismo durante o carnaval? E por que essa protagonização ocorre justamente no carnaval?

De acordo com Sá Filho (2001), o carnaval data bem antes do nascimento de Cristo, podendo ser considerado como uma festa pagã. No entanto, Muniz (2008) afirma que o carnaval ou *carne vale* era um instrumento utilizado pela Igreja, na Idade média, para exercer controle sobre as pessoas, na medida em que a festa constituía-se como uma válvula de escape nas qual as pessoas liberavam as tensões e dificuldades da vida cotidiana, e por outro lado, condenava com mais rigor todos os outros excessos anuais. Dessa maneira, surgiu um paradoxo: o carnaval tornou-se uma grande festa profana sacramentada pela Igreja.

Peter Burke (1999) trata sobre o papel das festas, em especial o carnaval, como uma forma de fugir às práticas cotidianas, na cultura tradicional europeia do século XV ao XVI, nas quais as pessoas paravam de trabalhar, comiam, bebiam, consumiam e se divertiam muito mais durante o carnaval. Essa era uma época de inversão de papéis, de sexo e de desordem.

Apesar das mudanças temporais, espaciais e de características ocorridas na festa carnavalesca, pode-se observar que o ato de as pessoas fazerem coisas fora do comum, cometer excessos (bebidas, sexo, drogas), inverter normas e padrões durante o carnaval, sem que elas sejam "reprimidas" e ridicularizadas pela sociedade, ainda permanece. O carnaval é, de fato, a festa em que essas características são mais comuns.

Nos desfiles do Bloco *Ferro Vei* da cidade de Inhumas-Piauí, as inversões de papéis e padrões são muito comuns durante o carnaval. Nesse bloco, as prostitutas desfilavam seminuas e a maioria da população, principalmente os homens, acompanhava de perto e aplaudia, pois no carnaval

[...] aquilo que no mundo diário é considerado um ‘pecado’, ou seja, a provocação intensa do público e dos homens pelas mulheres, passa a ser tomado como algo normal, como parte do estilo do festival. A norma do recato é substituída pela ‘abertura’ do corpo ao grotesco e às suas possibilidades como alvo de desejo e instrumento de prazer (DA MATTA, 1997, p.140).

Para entendermos o fenômeno de inversão, a tolerância e até mesmo aceitação da seminudez das prostitutas do bloco *Ferro Vei* por parte da população de Inhuma, devemos considerar, em primeiro lugar que o carnaval é um rito e, segundo Da Matta, “os ritos são momentos em que sequências de comportamentos são rompidas, dilatadas ou interrompidas por meio de deslocamentos de gestos, pessoas, ideologias ou objetos” (1997, p. 138). Nesse sentido, o rito carnavalesco faz com que boa parte das pessoas não só tolerem a seminudez das prostitutas, mas também que aguardem ansiosamente os desfiles nas calçadas de suas casas.

O povo gostava. Estas senhoras mandava eu passar na frente da casa delas, pra elas ver, pra elas ver os desfiles, olhar como agora mesmo Dna. Francisca de Nazaré, Dna. Francisca de seu Zé Maria pedia pra mim passar lá pra elas ver. Aquelas senhoras tudinha, tudinha ia pra porta pra ver o desfile. Aí eles diz que “só tem carnaval na Inhuma se o meu tiver, se num tiver não tem carnaval”. É desse jeito, aí é o jeito eu ir acompanhando inté hoje. Eu tenho como uma tradição. Tenho, já tenho que eles diz mermo, eles diz aí mermo quando eu ando andando e tudo, eles diz que meu carnaval já é, como é que se diz, já é uma tradição [...] Sim eles já diz que é, não pode nem se acabar. (MORAES, 2012)

Tais relatos apontam para a respeitabilidade e valorização social que esse bloco possui para os cidadãos, sendo que, segundo D. Maria de Odila, muitas pessoas afirmam que se não houver os desfiles do bloco, não há carnaval na cidade, pois esse bloco é o mais antigo e o mais animado da cidade. Os desfiles constituíram-se, portanto, como algo pertencente aos costumes e à cultura de Inhuma.

Outro fator que aponta para a valorização desse bloco é que, todos os anos, para que os desfiles ocorram é necessário que haja apoio financeiro tanto da prefeitura como da população. Muitos inhumenses, inclusive muitas senhoras de famílias abastadas da cidade, contribuem financeiramente para que os desfiles ocorram. Essa contribuição é dada para pagar o sanfoneiro, o tocador e baterista, dentre outras despesas.

Dona Francisca de seu Zé Maria e outras senhoras aí e tudo, Francisca de Nazaré, Xô ver que é mais...todas essas senhoras da Inhuma todinha, tudinha me dá apoio. E tudim... tudim me ajuda, elas me dá de dez reais, me dá de cem, outras me dá de vinte, outras me dá assim, elas tudo me ajuda, essas

senhoras da Inhumá tudo me ajuda; e tudim sai pras porta pra olhar o carnaval. As que não sai acompanhando sai pra porta e as outra sai acompanhando e vem me deixar aqui em casa. (MORAES, 2012)

O fato de que os inhumenses contribuem financeiramente para os desfiles do bloco *Ferro Vei* reforça a ideia de que este bloco é muito valorizado e respeitado pela população. De acordo com Da Matta os ritos são “momentos em que se oculta ou se revela abertamente, em que se analisa ou obscurece inteiramente, em que se marcha contra ou a favor daquilo que é o menos discutido no mundo humano ou natural” (DA MATTA, 1997, p.76-77). Nesse sentido, o rito carnavalesco é um momento em que as pessoas, aparentemente, toleram as atitudes ditas “extravagantes” e “imorais”, como é o ato da seminudez.

[...] ar roupa era desse jeito: ar roupa era corpete; biquim; sainha bem curtinha, bem curtinha mermo; chovê o que era mais...sainha bem curtim; muié só pintada, ar mulher era bunita e tudo, o seio só pintado, o seio pintado e bunito mermo, que os home de Teresina tudo ligava que queria vim o carnaval, em todo canto. (MORAES, 2013)

A partir do relato de D. Maria de Odila e da foto abaixo percebemos a maneira como as prostitutas se comportavam no que diz respeito ao vestuário. Desfilavam de calcinha e sutiã, maiô e, algumas vezes, apenas de calcinha.



Ilustração 03: Prostitutas do Bloco *Ferro Vei* desfilando seminuas
Fonte: Acervo particular de D. Maria de Odila.

Embora seja muito comum mulheres desfilarem seminuas, durante o carnaval, em grandes cidades, esse fenômeno não é comum em cidades pequenas como a Inhuma, o que constitui uma peculiaridade citadina e uma diferenciação com relação às outras cidades.

[...] é uma coisa que eu acho que é, é típico de Inhuma...você não vê na microrregião valenciana, picoense, que juntando as suas outras microrregiões, são mais de sessenta cidades, não têm isso. Só têm em Inhuma. Então quando a pessoa que tá visitando Inhuma vê isso, ele se encanta, ele fica encantado com aquilo, né? Um monte de rapariga desfilando nua, semi-nua, é muito interessante. (CARVALHO, 2013)

O entrevistado aponta que na macrorregião piauiense, não existe esse tipo de desfile e isso gera encantamento dos visitantes da cidade durante esse período.

O carnaval e suas características influenciam diretamente o comportamento das pessoas, tanto das prostitutas do *Ferro Vei* que desfilavam seminuas como das pessoas que suspendem as normas cotidianas e os preconceitos na medida em que toleravam os desfiles. Rodrigo Muniz afirma que “no tempo do carnaval todos são iguais e reina uma forma de contato livre entre os indivíduos, normalmente separados por barreiras intransponíveis socioculturais da vida cotidiana” (MUNIZ, 2008, p. 61).

Mas, se as prostitutas desfilassem seminuas em outra época do ano, a população não encararia com tanta naturalidade tal como é no carnaval, pois apenas nesse período, aparentemente, tais atitudes são “permitidas” e as pessoas suspendem aparentemente os preconceitos.

[...] Eu não vejo elas desfilando com essas roupas em outro período na cidade, aqui na cidade, não vejo, de forma alguma. Porque chocaria se elas saíssem né? Chocaria se elas saíssem pra uma festa, pra alguma coisa, acho que chocaria demais, que no carnaval não choca né? Porque todo mundo curte, é uma festa popular e tudo. Mas em outro período chocaria mesmo, o pessoal ficaria espantado. Iria achar que não sei o quê, atentado ao pudor, né, um monte de mulher nua ali e tal, é meio complicado? [Risos]. (CARVALHO, 2013)

“As festas de carnaval podem ser caracterizadas como momentos universais de suspensão de conflitos e regras” (MUNIZ, 2008, p. 60). Assim a suspensão de conflitos sociais e regras, típicos dessa festividade anual, fazem que, supostamente, os preconceitos relacionados à prostituição sejam “esquecidos”, durante esse período, e que haja uma inversão de valores.

Antes do carnaval, porém, a liberdade, a utopia e os desejos são interditados pela moral. Porém, durante o carnaval, esta moral é superada sendo que “até mesmo as

instituições, legalmente responsáveis pelo controle social, agem com tolerância.” (SÁ FILHO, 2001, p. 74-75). Daí pensarmos porque os desfiles de mulheres seminuas foram, por muito tempo, tolerado pela população de Inhuma.

Bernardo Pereira Sá Filho (2001) afirma que o carnaval é a festa da fantasia, da bebedeira, do corpo e da sensualidade, impregnado de lirismo, mudando a lógica das coisas, colocando-as pelo avesso. Nesse sentido, o carnaval, como uma festa que possui essas características contribui para que as pessoas, mesmo que preconceituosas, vejam o fato de as prostitutas desfilarem seminuas como algo interessante, mas só nesse período, pois nessa época, “[...] não há lugar pra tristezas, preocupações, hierarquias e segregação social. Tudo, porém, nos limites da descontração da ordem cotidiana cujos suportes são parcial e temporariamente suspensos [...]” (SÁ FILHO, 2001, p.74).

O carnaval na Europa do século XV e XVIII era realizado ao ar livre no centro da cidade, sendo que “as principais ruas e praças se convertiam em palcos, a cidade se tornava um teatro sem paredes, e os habitantes eram os atores e expectadores, que assistiam à cena em seus balcões (BURKE, 1999, p.206)”. Em Inhuma não é muito diferente, pois as prostitutas desfilavam – até o ano de 2009 – nas principais ruas do centro da cidade, tornando-se protagonistas dos desfiles, e os habitantes, expectadores e participantes, sejam nas calçadas, nas ruas, nos bares da cidade e nos desfiles.



Ilustração 04: Pessoas aplaudindo o desfile do Bloco *Ferro Vei*.

Fonte: Acervo particular de D. Maria de Odila.

No *Bloco Ferro Vei*, durante os desfiles, pessoas de todas as idades e classes sociais acompanham e até mesmo participam dos desfiles. Segundo Rodrigo Muniz, “o carnaval é

uma espécie de libertação temporária da verdade e do reino vigente, criando uma abolição temporária de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus” (BAKTIN, 1999, p. 08 apud MUNIZ, 2008, p. 60-61).

A marginalização das prostitutas, durante o ano inteiro, dá lugar para a centralização e protagonização delas, durante o carnaval, o que caracteriza o fenômeno de inversão que, de acordo com Da Matta (1997), é um dos mecanismos do rito carnavalesco. A inversão provoca “um deslocamento complexo de elementos de um domínio para outro do qual esses elementos normalmente estão excluídos” (DA MATTA, 1997, p.76). Neste caso, os elementos excluídos são as prostitutas do Bloco *Ferro Vei* que, durante o carnaval, são ressignificadas como sujeitos importantes para este evento.

Paralelamente, em Teresina-Piauí, embora em contextos diferentes, as prostitutas da Paissandu e outros lugares, considerados marginais, desfilavam num caminhão todo ornamentado, em que elas

[...] tinham seu momento de glória, entre aqueles que as marginalizavam. Só mesmo uma festa como o carnaval conseguia esta inversão: de marginalizadas, as prostitutas tornavam-se protagonistas da festa, aplaudidas no caminhão da(s) *Raparigas*- atração maior do curso carnavalesco [...] (SÁ FILHO, 2006, p.94).

De acordo com Sá Filho, pode-se perceber que só a festa de carnaval tinha o poder de fazer essa inversão, na qual as prostitutas passavam de marginalizadas à protagonistas da festa, sendo que eram aplaudidas, no *Caminhão das Raparigas*, que era a maior atração do curso carnavalesco de Teresina, na década de 30.

Porém, havia aqueles que atrapalhavam a beleza da festa desrespeitando a atuação das prostitutas nos desfiles. Eram os moleques, a molequeira que “saía atrás delas, com seus paus futucando as saias, para mexer com as madames [...] E os moleques futucavam e as raparigas metiam o cipoal neles” (CASTELO BRANCO apud SÁ FILHO, 2001, p. 88).

Em Inhuma, apesar de as prostitutas se tornarem figuras importantes no carnaval de Inhuma, elas também, assim como as *Raparigas do Caminhão* em Teresina, eram desrespeitadas na medida em que quando desfilavam seminuas havia pessoas, principalmente homens embriagados que, às vezes, eram até clientes delas e tentavam agredi-las.

[...] elas tinha algu...aquelas pessoas, ela tinha aquela clientela né que na época...teve uma época que...é...foi na Galega...uma pessoa começou um tumulto durante o desfile, nera o cliente da Galega, o namorado dela que ela tinha sei lá que bateu, deu uns tapa. Não queria que ela desfilasse, querendo tirar ela do des...desfile por os cabelo, eu lembro demais. (RUFINO, 2013)

No período de carnaval, muitas pessoas consomem álcool exageradamente e, como outro exemplo de desrespeito, no percurso dos desfiles, já aconteceu de homens, geralmente embriagados, tentarem rasgar as roupas das prostitutas durante os desfiles, o que fazia com que elas ficassem muito furiosas.

E aconteceu também de um homem [...] Durante os desfiles o cara... porque sempre o cara tá muito bêbado né? E no período de carnaval as pessoas consomem muito álcool. Então a mulher ia desfilando ali e sempre ia alguém e puxava, puxava dum lado e de repente até caia a tanga, aí era aquela confusão mas aí a gente ia lá e botava. Mas sempre tinha algum gaiato. [...] sempre tinha os bêbados que faziam e elas ficavam super chateadas e morrendo de raiva. Por quê? Porque elas estavam ali só pra dançar, entendeu? Caminhar, desfilando e dançar e se mostrar né? Mas não pra...isso era pra ser feito a quatro paredes, entre quatro paredes no cabaré né? Mas elas ficavam chateadas, morrendo de raiva cara. (CARVALHO, 2013)

O que ocorre é que as pessoas, geralmente os homens, achavam que porque elas eram prostitutas e estavam desfilando daquela maneira, seminuas, elas poderiam ser tratadas com desrespeito. Contudo, havia um grupo de pessoas que tinha consciência que ali era apenas um desfile e as tratavam com respeito.

[...] sempre teve aquele grupo de pessoas e eu também participava desse grupo que respeitava, que estava do lado, que abraçava, andava muito tempo abraçado, depois ia e abraçava outra, entendeu? Mas sem beliscar, sem pegar em nada, respeitando aquela coisa de...como se realmente nós estivéssemos somente desfilando, entendeu? Abraçado, dançando e tudo, entendeu. Mas nunca de tirar casquinha, de tirar roupa, de pegar em nada [...]. (CARVALHO, 2013).

Apesar de haver preconceito e desrespeito com as prostitutas, o fato é que os desfiles do Bloco *Ferro Vei* tem, aparentemente, muita aceitação pela população local e pelos visitantes. No caso da cidade de Inhuma-Piauí, a aceitação social das prostitutas é marcante em um determinado período do ano, o carnaval. A palavra correta não seria nem aceitação social e sim inversão.

A aceitação do *Ferro Vei* é grande, mas nem sempre foi assim. Houve momentos, em que o bloco entrou em lugares e que as pessoas ali presentes não gostaram e tomaram medidas para que esse fato não se repetisse. José Airton Rufino afirma que houve uma vez, quando ele era secretário do *Inhumense Clube*, que o Bloco entrou no clube e ele permitiu que ele entrasse, mas a Diretoria do clube o advertiu com relação à entrada dessas pessoas no ambiente.

Aí eu sei que depois, eu acho que foi 86...que eu fiquei, eu fiquei é...secretário de... do clube, da direção do clube, eu acho que foi 86, eu não me recordo, mais que o bloco no, durante o desfile, entraram no clube, todas. Aí eu fui chamado na, numa reunião e foi...colocaram essa pauta lá nessa reunião. Que (eu) tinha dado acesso [...] a essas mulheres entrarem no clube, né. (RUFINO, 2013)

Através desse relato podemos perceber, novamente, o preconceito das pessoas com relação às prostitutas e ao bloco *Ferro Vei*, pois no princípio, a aceitação e a participação nos desfiles era bastante reduzida.

[...] teve (preconceito) no começo [...] algumas pessoas num sabe. Mas teve, mais depois se acostumaram. Aí depois viram que eu num parava o carnaval, era ajeitado pelo, o...Alilo e tudo. Todo mundo me apoiava e todo mundo me apoiou, só foi isto. E do mei pro fim as senhoras casada e ar moça e or minino e as criança fazia era acompanhar. Porque a, o minino quando a mãe queria pegar eles saíam na carrera e acumulhava sempre o broco. (MORAES, 2013)

De acordo com a fundadora do bloco, os desfiles tiveram uma maior aceitação pela população a partir do apoio financeiro da prefeitura de Inhuma no mandato de Alilo de Sousa Leal. Este apoio se deu, a partir de 1984, ano em que o carnaval foi instituído na cidade. Ao observar que o próprio prefeito da cidade apoiava o bloco, uma boa parte das pessoas se acostumou ou pelo menos passou a tolerar os desfiles. Muitos passaram até mesmo a participar dos desfiles. A partir disso, o bloco *Ferro Vei* adquiriu uma popularidade muito grande.

No entanto, apesar da maioria das pessoas, principalmente os homens, gostarem muito dos desfiles, havia outras pessoas, em especial pessoas idosas, que viam com desconforto a questão da seminudez. Contudo, não só os mais velhos, mas também alguns jovens que também se sentiam incomodados (CARVALHO, 2013).

Pelo tamanho da cidade acho que a sociedade merece mais respeito, sendo que a exposição da nudez ainda é um tabu em pleno século XXI. Que mentalidade estaríamos formando em nossas crianças que numa cidade com menos de 15.000 habitantes vêem mulheres da vida desfilando seminuas pelas ruas da cidade com a maior naturalidade? Nem tudo que se vê nos grandes centros urbanos deve ser copiado ou imitado. Em tudo deve ser avaliado as consequências. (COSTA, 2013)

De acordo com a entrevistada, a exibição da seminudez das prostitutas nos desfiles do *Ferro Vei* poderia influenciar negativamente a mentalidade dos jovens de Inhuma. Além disso, ela afirma que o fato de haver essas exposições corporais nos grandes centros urbanos

não é motivo para que a Inhumá, cidade com uma população relativamente pequena, possa imitá-las.

Apesar de haver controvérsias com relação à aceitação de um bloco de prostitutas que, em sua maioria desfilavam seminuas, o fato é que a população inhumense tolerou por muito tempo a seminudez e apenas em 2009¹ houve uma interferência no sentido de interromper essa característica. Muito embora, os desfiles do *Ferro Vei* constituíram-se, ao longo do tempo, como um acontecimento muito respeitado e valorizado pelos inhumenses, sendo que se os desfiles deixassem de ocorrer, muitas pessoas, inclusive aquelas pessoas que tem preconceito com relação aos desfiles, reclamariam.

[...] se deixarem de fazer (os desfiles), todo mundo cobra. Não só quem participa, também quem vê, quem olha. Têm muita as “puritanas” todas saem nas portas pra ver, acham muito interessante e se não tiver elas vão sentir falta, vão. Vai haver aquele comentário: *Pô esse ano não...o desfile do Ferro Vei não saiu? O que foi que aconteceu e tal?* Aí vão criticar político, vão criticar prefeito e aquela coisa toda. Mas virou tradição e, infelizmente, a gente já falou que vai morrer quando D. Maria... vai morrer junto com ela, eu acho que morre junto com ela. (CARVALHO, 2013)

O entrevistado demonstra certo ressentimento com relação à própria cultura de Inhumá, porque caso D. Maria de Odila venha a falecer, esses desfiles tem a possibilidade de não ocorrerem mais.

A prostituição vista como uma atividade marginalizada, coadjuvante, situada às margens da sociedade, durante o desfile, no carnaval, as prostitutas passam a desempenhar o papel de protagonistas, situadas literalmente no centro, tanto social como geográfico, no qual desfilam nos pontos principais na área central da cidade – em frente à rodoviária, à prefeitura, ao mercado público, à Igreja e à algumas praças da cidade.

¹ A partir de 2009, as prostitutas deixaram de desfilarem seminuas, atendendo a um pedido de Maria Nilcimar Correia e Cavalcante, primeira-dama e secretária de educação cultura e desportos.



Ilustração 05: Pessoas assistindo e acompanhando os desfiles do Bloco *Ferro Vei*.

Fonte: Acervo particular de D. Maria de Odila.

Mas somente nesse período é que as prostitutas assumem esse protagonismo, porque em outras épocas isso não seria possível: “Agora que realmente elas eram protagonistas, eram as estrelas somente nesse período, são. Só nesse período mesmo são realmente, que em outro não são valorizadas de forma alguma” (CARVALHO, 2013). O protagonismo das prostitutas só se dá no carnaval, nos desfiles do bloco *Ferro Vei*, porque a festa carnavalesca é contagiante e as pessoas supostamente esquecem os preconceitos.

Só por conta da festa...que as pessoas se soltam mais, elas ficam mais alegres porque...contagia, é? Aquela questão é, passa aquele monte de gente com aquelas meninas semi-nuas e aquela, aquele som...então as pessoas que vêm, contagia. Então não adianta eles também se empolgam com aquilo, né? Pois é, dessa forma que eu acho, entendeu?. (CARVALHO, 2013)

O papel das prostitutas na construção da história do carnaval de Inhumas é muito importante. Pois, apesar de o carnaval estar relacionado a um movimento de prostitutas, muitas pessoas participam dos desfiles, seja nas calçadas, seja acompanhando o carro de som.

[...] Então tá ali, você vê até mães você vê, mães que... e mulheres casadas que... sabem dum filho no cabaré, sabiam dum filho no cabaré, do marido e ficavam louca. Mais quando (O Bloco *Ferro Vei*) passa, não adianta que todo mundo sai pra rua, todo mundo vai ver. Entendeu? Que aquilo cai, é uma diversão, aquilo é uma coisa diferente, é uma coisa anual, né? Entendeu? Mais é, é...muito interessante. (CARVALHO, 2013)

Durante essa época do ano, as prostitutas do bloco passam a exercer um papel importante no carnaval de Inhumas. Porém os preconceitos não deixam de existir. Ilma da Silva Araújo afirma que “esses espaços da reprodução caricatos não são proibidos, eleva a pobreza à condição de nobreza, que consagra a confraternização geral, universal, em que os preconceitos de raça, cor, condição socioeconômica e raiz familiar são omitidos” (ARAÚJO, 2005, p. 33). De acordo com a autora, durante o carnaval, os preconceitos não deixam de existir, apenas são suspensos por causa da alegria que a festa proporciona, fazendo com que as pessoas se confraternizem e se divirtam nessa época.

Da Matta acrescenta que “a transformação do carnaval brasileiro é, pois, aquela da hierarquia cotidiana na igualdade mágica de um momento passageiro” (1997, p.171). Nesse sentido, a igualdade entre as pessoas, característica do carnaval brasileiro, não passa de um acontecimento passageiro, assim como a própria festa de carnaval. Após o carnaval, a vida das prostitutas do *Ferro Vei* voltava ao normal, no sentido de que os preconceitos que recaíam sobre elas continuavam.

Só precisava bater na porta de uma pessoa aí pra...né, pra alguma ajuda nem que não fosse financeira, que fosse outro tipo de ajuda. Elas recorriam é... a maioria à minha casa, porque eu, eu era envolvido nesses projetos, que, na época, não era projetos sociais, que a gente não chamava isso, na época eu não conhecia né. E elas recorriam pra alguma... resolver a questão de coisa é... na área de, de, med, de med...hospital, de fórum, de cartório, dessas coisas, documentos. Eu trabalhava sem remuneração, reforma eleitoral, conhecia todo mundo também, eu sempre tive em todas. (RUFINO, 2013)

De acordo com o entrevistado, quando as prostitutas, principalmente as do *Ferro Vei*, precisavam resolver algum assunto relacionado à atendimento médico ou a qualquer tipo de coisa, elas recorriam a ele, pois ele tinha muitos contatos. Não é porque os direitos delas não fossem atendidos, mas, talvez, porque elas não eram tratadas como as outras pessoas e, por isso, recorriam à uma terceira pessoa. O fato de elas não tentarem resolver diretamente seus problemas comprova, mais uma vez, que havia uma marginalização muito grande das prostitutas.

Podemos perceber, então, que a inversão carnavalesca, na qual as prostitutas do Bloco *Ferro Vei* são aparentemente valorizadas, é algo momentâneo, pois “[...] inverter não é liquidar a hierarquia ou a desigualdade, mas apenas submetê-las, como numa experiência controlada – caso das festividades – a uma recombinação passageira” (DA MATTA, 1997, p. 177). A inversão carnavalesca do Bloco *Ferro Vei* é, de fato, algo que não produz mudanças

significativas na sociedade, especificamente nas prostitutas, por conta do seu aspecto passageiro.

3.2 Os homens travestidos: O carnaval e a inversão

O Bloco *Ferro Vei* não é formado apenas por prostitutas. Uma atração grande dos desfiles, e que tem aumentado a cada ano que passa, são os rapazes que vestem roupas femininas. Essa característica do bloco aponta para uma suspensão dos padrões tradicionais de masculinidade.

Tradicionalmente, a masculinidade se define mais ‘por evitar alguma coisa [...] do que desejar alguma coisa’. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros; não ser impotente com as mulheres (BADINTER, 1993, p.117).

Na medida em que os rapazes, durante o carnaval, desfilam com trajes culturalmente considerados como femininos, e mesmo que não sejam homossexuais, eles suspendem e invertem os padrões e as condutas considerados como normais pela sociedade. Mas isso é muito mais comum no carnaval do que em outras épocas ou festividades do ano pois, no período de carnaval, a liberdade, a fuga da rotina e até mesmo a libertinagem fazem parte deste período.

Momento de brincar com os códigos sociais, de ultrapassamento de fronteiras estabelecidas pelo costume, valores e hábitos, momento de invenção do novo, de criação, de confusão de fronteiras, de horizontalização das relações e questionamento das hierarquias, momento de brincar com as identidades e construir o diferente, o carnaval tinha, já no começo do século, como uma de suas grandes atrações, o se travestir, principalmente de mulher (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 80-81).

O travestimento de homens nos desfiles do bloco *Ferro Vei* é mais uma forma de suspender barreiras principalmente no que diz respeito à identidade e sexualidade masculina, durante o período carnavalesco, o que demonstra a peculiaridade dessa festividade.

O carnaval, assim como outras festas populares, desde o século XV ao XVIII, desempenhava diversas funções. A principal delas é a diversão, que era uma “pausa bem-vinda na luta diária pela subsistência” (BURKE, 1999, p. 223). Sendo assim, o fato de um homem travestir-se assim como de uma prostituta desfilar seminua numa cidade pequena

como Inhuma, nos desfiles do Bloco *Ferro Vei*, não são práticas comuns na vida cotidiana. Isso é uma forma de fugir dos padrões e normas vigentes e que ocorre de maneira naturalizada em uma época do ano na qual parece que tudo pode ser feito, sem que alguém sofra algum tipo de vexame, ridicularização, etc.

Sá Filho assegura que, durante o carnaval, “[...] os participantes são contagiados pela ansiedade, estimulada pelos desejos, pela utopia e pela liberdade de poderem fazer em três dias tudo aquilo que não lhes é permitido durante todo o ano [...]” (SÁ FILHO, 2001, p. 74).

Apesar disso, nem sempre o fato de um homem desfilar vestido de mulher, assim como uma mulher desfilar seminua no Bloco *Ferro Vei* foi bem visto porque, como já foi dito anteriormente, boa parte dos inhumenses tem certa resistência ao que não condizia com os padrões exigidos pela sociedade, principalmente até a década de 80 e parte da década de 90.

[...] eu lembro que em 86, eu desfilei de travesti, porque eu lembro dessa data que Ceíça tava grávida [esposa dele], aí quando eu passei, o pessoal da família dela apontaram: *Ah o marido de Conceição tá ali, pouca vergonha, não sei o quê, ele é a vergonha da família.* Não tinha dessas coisas? Aí ela tava grávida na época e foi assistir, eu passei de travesti, eu não sei se ela me conheceu, deve ter conhecido [risos]. (RUFINO, 2013)

De acordo com Rufino, até essa época, o ato de um homem se vestir de mulher era associado à homossexualidade. Além disso, o fato de um homem casado e pai de família se travestir era motivo de vergonha para os familiares. Assim, nesse período, desfilar vestido de mulher muitas vezes causava receio para boa parte da população: “na época que eu me vesti de mulher, isso há quinze anos atrás, foi ontem...ninguém tinha coragem de fazer isso. Pouquíssimas pessoas tinham [...] antes as pessoas tinham até medo, tinham muito receio” (CARVALHO, 2013).



Ilustração 06: Homens travestidos na década de 1990 (Francisco Adailson de Carvalho de saia estampada e blusa listrada)

Fonte: Acervo particular de Francisco Adailson Araújo de Carvalho.

Mas parece que nos últimos anos, a questão de associar o fato de um homem se vestir de mulher à homossexualidade parece ter diminuído ou pelo menos diminuíram esses tipos de comentários. Talvez, por isso, a quantidade de homens que desfilam travestidos aumentou bastante. “Hoje, o carnaval todo mundo se veste de mulher [,,] Aí de lá prá cá foi que..,esse ano mesmo, não sei se tu chegou a ver um monte de garoto aí, um monte de gente, tem até uns enfermeiros aí e tal tudo vestido de mulher. Porque hoje [...] a questão tá melhorando” (CARVALHO, 2013).

Muito embora, José Airton Rufino afirma que o fato de alguns desses homens se vestirem de mulher era uma forma de se “libertarem”, pois alguns deles eram homossexuais. Segundo ele, nos primeiros carnavais, eram feitos bailes no cabaré *Ferro Vei* em que alguns se sentiam mais à vontade para fazer o que quisessem.

[...]quando chegou o carnaval né, a gente fez a decoração, fez o baile, o baile rosa, fez o baile azul. Porque na verdade, já tinha assim uns gays enlatado e encubado né...que aí na época teve o baile rosa, aí eles se libertaram [risos] No cabaré [...] Lá no baile. Não teve desfile na cidade. (RUFINO, 2013)

Contudo, na maioria das vezes, havia vários motivos para que os homens se vestissem de mulher durante os desfiles. “Não é porque eu fosse gay [...] Simplesmente por

causa da farra, né, e por, por conta da, do falatório, que eu sempre gostei de tá em todas e nas primeiras páginas, né [risos]” (RUFINO, 2013).

O ato de um homem travestir-se no bloco *Ferro Vei* não é comum no cotidiano, mas no carnaval isso é bastante comum, pois é um rito/ritual e “[...] o universo do ritual é o mundo do efetivamente arbitrário e do puramente ideológico. É aqui que se podem vestir homens de mulheres, adultos de crianças, pobres de nobres e homens de animais” (DA MATTA, 1997, p. 76-77). Nessa época, as pessoas não se preocupam muito com o que a sociedade estigmatiza, ridiculariza, condena ou deixa de condenar.

Eu acho que é porque no carnaval... é...Guerra é guerra, então festa é festa. Esses quatro dias, eles [...] fazem em quatro dias o que eu passava assim o ano inteiro pra fazer. No caso, você, as pessoas que não fazem, né, que não saem. Aí eles fazem tudo em quatro dias. Durante o ano, eles falam mal das pessoas que são gays, eles têm homofobia, eles fazem tudo contra. Mas durante os quatro dias, tem alguns que até...faz mesmo. (RUFINO, 2013)

O entrevistado afirma que as pessoas fazem críticas aos homossexuais, mas, durante o carnaval, nos desfiles do *Ferro Vei*, muitos não só se vestem de mulher, mas praticam atos considerados como homossexuais e depois do carnaval voltam, novamente, a criticar a homossexualidade, pois esta “[...] implica uma dominação do homem pelo homem, é considerada, senão uma doença mental, pelo menos perturbação da identidade de gênero” (BADINTER, 1993, p.99).

Além do travestimento de homens e rapazes implicarem uma inversão de valores, normas e padrões, também pode servir como uma medida para se questionar a realidade social. Araújo fundamenta essa hipótese “No carnaval, o travestimento, o sentido duplo, o folião, a máscara são elementos para a brincadeira, como uma farsa pode ser aproveitamento para reivindicações sérias ou pretextos para criticar a classe dominante” (ARAÚJO, 2005, pg. 33).

Nesse sentido, o ato de um homem, seja ele homossexual ou não, se travestir de mulher somente no carnaval, no Bloco *Ferro Vei* também pode ser considerada como uma forma de protesto ou contestação social. Porém, essa contestação das normas e padrões vigentes não é tão explícita, porque as pessoas costumam observar o carnaval mais pelo lado da diversão e da alegria. Mesmo assim, essas práticas podem apontar para uma contestação, muito embora os espectadores, no caso o povo que assiste, e os atores, no caso os homens travestidos e as prostitutas, não tenham consciência disso.

4 O BLOCO *FERRO VEI*: Mudanças e continuidades

O adestramento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar, tudo isso faz com que apareça pela primeira vez na história esta figura singular, individualizada – o homem – como produção do poder.

(Michel Foucault)

Priore (2000) afirma que o carnaval trata-se de uma festa onde há um banquete completo no qual as pessoas se lançavam à comida, a embriaguez generalizava-se, o interdito era permitido e culminava-se com os papéis sociais e sexuais inter-relacionados e que os oprimidos momentaneamente impunham suas regras. Assim, muitos comportamentos e atitudes que não são comuns na maioria das festas, durante o ano inteiro, são bastante tolerados na festa carnavalesca.

Contudo, em Inhuma-Piauí houve mudanças bastante perceptíveis nas características do bloco de carnaval mais tradicional dessa cidade: o Bloco *Ferro Vei*. A partir de 2009, vão ocorrer duas transformações muito perceptíveis: o bloco vai passar a ser denominado de “Vai quem quer” e as prostitutas passarão a não desfilar mais seminuas.

Tais mudanças ocorreram simultâneas à mudanças políticas ocorridas na cidade: desde a década de 80 até 2008, uma mesma família (Leal) comandava a administração municipal de Inhuma, principalmente através de Alilo de Sousa Leal que, segundo INHUMA (2008) exerceu quatro mandatos (1983-1988; 1993-1996; 2001-2004; e 2005-2008). Porém, a partir do ano seguinte outra família (Gonçalves), desencadeará este papel, através do prefeito Dr. Moacir Gonçalves de Carvalho.

No entanto, é preciso analisar algumas características do bloco que permaneceram e outras que foram substituídas e ainda, algumas que convivem simultaneamente com novas características.

4.1 O Forró pé-de-serra e o “Paredão de som”

É preciso atentar que muitas mudanças ocorreram por conta da própria modernização da sociedade. Alguns instrumentos musicais são permanentes nos desfiles do *Ferro Vei* até

hoje. Um exemplo disso é a utilização de sanfona, do triângulo e da bateria – instrumentos que são utilizados desde o início, conforme relata D. Maria de Odila: “De primeiro só tinha o tocador de sanfona, os baterista...as mulher cantando e o povo acompanhando, aquela multidão medonha de gente acompanhando. ai o povo gostava muito, gostava muito” (MORAES, 2012). No início, os instrumentos musicais utilizados eram apenas esses, como podemos ver na foto abaixo, e só depois é que o som automotivo, ou melhor, o carro com paredão de som passou a ser utilizado nos desfiles.



Ilustração 07: Percurso inicial do Bloco *Ferro Vei* na Avenida Presidente Castelo Branco: À frente o baterista, de boné e camiseta.

Fonte: Acervo particular de D. Maria de Odila.



Ilustração 08: Carnaval de 2009 – D. Maria de Odila, o sanfoneiro e o baterista (em cima do carro). Ao lado do carro, a primeira dama (de blusa azul-marinho) e o prefeito (de camiseta vermelha)
Fonte: www.portalopovo.com.br.

O conjunto dos instrumentos musicais – sanfona, bateria, zabumba e triângulo – é uma característica que persiste nos desfiles do bloco, porém passou a conviver com outras práticas musicais, como a do carro de som: “Aí depois de um tempo pra cá, aí era que tinha carro de som, essas coisa aí...Veio ter carro de som depois de Alilo pra cá” (MORAES, 2012). A introdução do som automotivo nos desfiles do *Ferro Vei*, de acordo com alguns relatos, gerou um descontentamento para parte da população.

Quando começou a existir som, o povo gostava mais da sanfona. Que inda hoje os menino me dá o carro de som e tudo, mas eles diz: *tem que ter o sanfoneiro*. Porque eles acha bonito é o sanfoneiro, diz que acha bonito... é os baterista acompanhando, as mulher cantando [...]. (MORAES, 2012)

Alguns entrevistados afirmam que preferiam os desfiles apenas com os instrumentos musicais que eram utilizados desde o início, afirmando que o forró pé-de-serra, composto de sanfona, triângulo, bateria e zabumba, identifica-se mais com a cidade e que, por isso, persiste até hoje nos desfiles do *Ferro Vei*, mas que foi “abafado” pelo carro de som.

Antes era melhor porque...todo mundo ia a pé, até a própria D. Maria, e antes, eu acho que era uma coisa mais natural, mais parecido até com a cidade: era um sanfoneiro, um zabumbeiro, um triangueiro, baterista. Então aquele forró tipo pé-de-serra. Então caminhando, o cara suado, aquela coisa e o pau quebrando, até D. Maria caminhando. Hoje não, eu acho que a questão da banalização [...] Hoje é um carro, um paredão né? Hoje é um paredão, D. Maria lá em cima. Até que D. Maria lá em cima pela idade, eu concordo, mas paredão não. Eu acho que tinha que continuar a ser o pé-de-serra. (CARVALHO, 2013)

Segundo o entrevistado, houve um descontentamento com as mudanças ocorridas. Outra mudança ocorrida foi o fato de que antes D. Maria de Odila desfilava à pé, mas com o passar do tempo e o avançar da idade dela – hoje ela é uma senhora de 82 anos – ela passou a ficar dentro de um carro, seguindo o percurso dos desfiles.



Ilustração 09: D. Maria de Odila, em cima de um carro vermelho, acenando para os foliões no desfile do Bloco Ferro Vei no ano de 2009.

Fonte: www.portalopovo.com.br.

Além da introdução do carro de som nos desfiles, outro entrevistado relata que o povo interferiu e invadiu os desfiles do Bloco não só através da introdução do carro de som, mas também através de carros e motos, sufocando as mulheres que desfilavam e dificultando o percurso do bloco.

As pessoas invadiram o bloco, colocaram ela em cima dum carro, mudaram o tipo...que era um triângulo, sanfona e zabumba né. Mudaram, arquitetaram já com carro de som, esses forró eletrônico, aí teve aquela invasão do povo, da baixaria mermo, da pancadaria, da...que elas mermo ficam sufocada mermo durante o evento, o bloco, o desfile [...]Tumultuaram o desfile delas. [...]e o pessoal invadiram com carro de som, moto, tudo. (RUFINO, 2013)

Percebemos que essas mudanças com relação aos instrumentos musicais já vinham ocorrendo antes mesmo de 2009. Pelos relatos, percebemos que essa mudança não teve muita receptividade para algumas pessoas. Porém, a mudança mais impactante ocorreu, a partir de 2009, ano em que as prostitutas deixaram de desfilarem seminuas, o que será abordado no tópico seguinte.

4.2 Prostitutas: de seminuas à “comportadas”

Em 1982, a população elegeu como prefeito Alilo de Sousa Leal e, desde este ano até o ano de 2008, a prefeitura e boa parte da administração municipal da cidade foi exercida e comandada pela família dele.

No ano de 2009, houve uma disputa eleitoral entre Denise de Sousa Leal Martins – sobrinha de Alilo Leal e filiada ao partido do DEM – e o candidato Moacir Gonçalves de Carvalho – filiado ao partido do PMDB e representante da família Gonçalves. Essa disputa culminou na eleição deste último como prefeito de Inhumas, o que produziu mudanças significativas na cidade. Com relação ao bloco *Ferro Vei*, as transformações foram bastante perceptíveis.

Durante muito tempo, as prostitutas desfilaram seminuas, mas a partir de 2009 essa característica foi modificada. Neste ano, como já foi dito, a administração municipal passou a ser representada por outro partido e outra família – encabeçada pelo prefeito Moacir Gonçalves Carvalho, filiado ao PMDB, cujos interesses eram diferentes da administração anterior, que foi representada, durante mais de vinte anos, pela família Leal, cuja maioria dela era filiada ao PFL (atual DEM).

A partir de 2009, houve uma maior atuação da Prefeitura Municipal de Inhumas nos desfiles, principalmente através da primeira-dama e Secretária de Cultura e Desportos da cidade, Maria Nilcimar Correia Cavalcante que, de acordo com D. Maria de Odila, sugeriu à mesma que as prostitutas desfilassem de uma maneira mais “comportada”.

Foi, quando Moura entrou, aí a mulher dele me pediu [...] que as mulher saísse vestidinha e tudo, e eu disse: *Tá bom*. Aí nós fizemo. Agora, desse outro carnaval prá cá, aí as mulher começaram a sair de bermudinha curta, bermudinha, de roupinha de sutiã, de blusinha meia solta. (MORAES, 2012)

Podemos perceber na foto abaixo, as prostitutas desfilando de short curto e blusa. Se compararmos com as imagens do terceiro e do quarto capítulo nas quais as prostitutas aparecem seminuas, compreendemos o impacto dessa mudança.



Ilustração 10: À frente prostitutas de blusas rosas e shorts verdes; atrás, o prefeito, de camisa vermelha, e ao lado direito dele sua esposa.

Fonte: www. portalo povo.com.br.

Dina Elma de Jesus da Costa, chefe de departamento de cultura de Inhuma-Piauí, ajuda a coordenar o carnaval juntamente com a Secretária de Educação, Cultura e Desportos, Maria Nilcimar Correia Cavalcante. Esta assumiu, então, a incumbência de que não houvesse mais a exibição da seminudez das prostitutas nos desfiles.

A ideia das mulheres não saírem seminuas na realidade surgiu de um pedido de senhores e senhoras da cidade que se sentiam indignados ao então Prefeito Moacir Gonçalves de Carvalho. Na qualidade de primeira dama e Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desportos a professora Nilcimar Cavalcante assumiu a responsabilidade de se incumbir de que as folionas do bloco não saíssem mais seminuas. (COSTA, 2013)

A partir dessa reminiscência, a proposta de que as prostitutas não desfilassem mais seminuas não foi uma atitude arbitrária da primeira-dama. Foi resultante de pedidos de alguns cidadãos que se incomodavam com a seminudez das prostitutas do Bloco *Ferro Vei*, pois ainda de acordo com a entrevistada, “o fato das prostitutas desfilarem seminuas ou nuas escandalizava parte da sociedade inhumense e era visto por alguns como falta de respeito aos mais idosos e as crianças, embora outra parte da sociedade principalmente homens levassem isso tudo como uma brincadeira” (COSTA, 2013).

Nesse sentido, apesar dessa mudança ter sido resultante da vontade de muitos, ela só foi concretizada através do poder e influência exercidos por Maria Nilcimar Correia Cavalcante que tinha como intenção, explicitamente, adequar o comportamento das prostitutas do Bloco *Ferro Vei* às exigências daqueles que se sentiam incomodados com a seminudez. Para Foucault, “o poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica,

uma positividade [...] ele tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo” (FOUCAULT, 2012, p.20).

A intenção era adestrar e disciplinar o comportamento das prostitutas na medida em que, a partir de 2009, elas não desfilariam mais seminuas. A disciplina é, portanto, um dos instrumentos do poder que exerce controle sobre o corpo das pessoas, tal como afirma Foucault,

[...] a disciplina [...] é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder; são ‘métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade’; é o diagrama de um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento [...] (FOUCAULT, 2012, p.21-22)

A interferência da administração municipal nos desfiles, além de disciplinar o corpo das prostitutas do Bloco *Ferro Vei* e sujeita-las às exigências de alguns que viam a seminudez delas nos desfiles como algo desconfortável, produziu, também, novos comportamentos através dos quais as prostitutas desfilariam vestidas e os desfiles estariam mais adequados aos padrões de conduta considerados como decentes.

Apesar de essa mudança ter sido resultante da vontade de muitos cidadãos que se sentiam incomodados com a seminudez, é relevante observarmos que, até esse momento, pelo que sabemos, parece que ninguém nunca havia tentado, com eficácia, fazer com que as prostitutas do Bloco *Ferro Vei* não desfilassem seminuas, pois segundo D. Maria de Odila, nem mesmo o ex-prefeito que governou a cidade por quatro mandatos, Alilo de Sousa Leal, não se incomodava com isso: “Agora Alilo não, que ele não se importava, Alilo toda vida gostou da vaidade, das coisa [...]” (MORAES, 2013).

Costa acrescenta que o fato de as prostitutas desfilarem seminuas não incomodava os ex-governantes, porque havia, inclusive, atuação da mídia na filmagem e transmissão dos desfiles na Tv em rede local:

Mas isso nunca foi mal visto pelos ex-prefeitos, pois havia ainda o apoio para divulgação através do meionorte que filmava o desfile e transmitia no canal local. A mídia sempre esteve presente, pois não é comum um bloco de prostitutas que desfilam seminuas em uma cidade de menos de 15.000 habitantes. (COSTA, 2013)

O bloco tinha muita aceitação pela maioria da população de Inhumas e, talvez, por isso nem mesmo os governantes da administração anterior interferiam nos desfiles. Contudo, havia pessoas que eram desfavoráveis à seminudez das prostitutas do Bloco *Ferro Vei*: “Não

sou de acordo com a exposição de nudez. Uma fantasia que deixe a mostra o corpo como top é minissaias seria satisfatório para não descaracterizar o bloco e ainda assim ser atrativo” (COSTA, 2013).

Mas muitas pessoas, principalmente os homens, se incomodaram com a interferência na maneira como as prostitutas desfilavam, ou seja, seminuas. Talvez, o ato de a primeira-dama sugerir às prostitutas do *Ferro Vei* outro comportamento e outra conduta na forma de se vestir pode ser uma forma de repressão, pois, segundo Chauí, [...] reprimir é segurar ou interromper um movimento ou uma ação [...] é a idéia de frear algo ou alguém que iria, por si mesmo, numa direção não aceita ou não desejada” (CHAUÍ, 1984, p. 12).

Nos seus relatos, D. Maria revela certo desconforto com a mudança relacionada ao vestuário, porém, ela não tomou nenhuma atitude para que a seminudez, característica mais perceptível dos desfiles do *Ferro Vei*, fosse preservada. Ao que se percebe a sugestão da primeira-dama para que as mulheres não desfilassem mais seminuas e o acatamento dessa sugestão por D. Maria de Odila aponta para um consenso entre ambas as partes, porém, segundo Keith Jenkis, “todo consenso [...] só é alcançado quando as vozes dominantes conseguem silenciar outras [...]” (2005, p.43). Talvez, o fato de a primeira-dama ser esposa de uma autoridade política na cidade contribuiu significativamente para que D. Maria aceitasse a mudança.

O ato de “vestir” as prostitutas pode ser considerado como um fenômeno de repressão. Porém, essa repressão só foi possível com a interiorização dessas proibições por parte de D. Maria de Odila e das prostitutas do *Ferro Vei*.

[...] a repressão não é apenas uma imposição exterior que despenca sobre nós, mas também um fenômeno sutil de interiorização das proibições e interdições externas (e, conseqüentemente, também das permissões) que se convertem em proibições e interdições (e permissões) internas [...] Nossos sentimentos poderão ser disfarçados, ocultados ou dissimulados desde que percebidos ou sentidos como incompatíveis com as normas, os valores e as regras de nossa sociedade. Costuma-se dizer que a repressão perfeita é aquela que já não é sentida como tal, isto é, aquela que se realiza como auto-repressão graças à interiorização dos códigos de permissão, proibição e punição de nossa sociedade (CHAUÍ, 1984, p.13).

A seminudez das prostitutas do bloco *Ferro Vei*, embora tenha sido apreciada por muitos observadores e apreciadores do bloco, desagradava a alguns inhumenses que sugeriram à primeira-dama que essa característica fosse podada, interdita, reprimida. Assim, a conformação, a convivência e a interiorização dessa interdição externa por parte da

fundadora do bloco e das prostitutas que desfilavam contribuiu para que essa prática fosse concretizada mais facilmente.

Contudo, algumas pessoas acreditam que o fato de as prostitutas não desfilarem mais seminuas não foi uma forma de repressão por parte da primeira-dama e Secretária de Cultura, Educação e Desportos, porque esta mudança teve o consentimento da própria D. Maria de Odila.

[..] De acordo com meu ponto de vista não aconteceu um ato de repressão, já que a repressão costuma vir com atos de opressão. Aconteceu sim uma alteração de hábitos considerados pouco sadios ou não sadios para a população inhumense, através de um diálogo com D. Maria de Odila em que a mesma consentiu com a mudança. Toda mudança costuma causar estranhamento inicial. Sempre para toda questão haverá dualidade de opiniões entre as pessoas, mas acredito que a maioria da população se agradou com o fato de haver menos exposição de nudez no bloco. (COSTA, 2013)

A entrevistada nos informa que essa mudança trouxe hábitos sadios à população de Inhuma na medida em que houve uma menor exposição dos corpos das prostitutas. Ela ainda afirma que "a mudança em relação a seminudez foi positiva visto que uma sociedade é vista pelo hábitos que conserva. Uma sociedade libertina cria jovens sem limites" (COSTA, 2013). A entrevistada acrescenta que a Prefeitura Municipal e o Departamento de Cultura disponibilizam mantimentos, figurinos e ornamentos para o bloco. Especificamente, com relação aos figurinos, a primeira-dama mandava confeccionar roupas para as prostitutas. No entanto, segundo D. Maria de Odila, elas não gostavam das roupas oferecidas pela primeira-dama e, então, ela mandava confeccionar outros modelos de roupas para as mulheres.

Ela dava as rôpa feita tombém, ela mandava fazer as rôpa, mais ar mulher num gostava das rôpa, aí eu mandava fazer otas pra se as que num quisesse vestir aquelas que eu tinha feito, num sabe. Aí um bucado vestia a rôpa que a mulher de Moura tinha feito, e oto bucado vestia as que eu...Elas prifiria mais as que eu mandava fazer. Mais eu digo: *nam vamo misturar pra num dizer que a gente num fez, num vestiu as rôpa dela tombém vamo misturar, vamo misturar*. Vai umas dum jeito, e otas doto. (MORAES, 2013)

De acordo com o relato, D. Maria de Odila revela, por um lado, a tentativa de agradar as prostitutas, fornecendo mais alternativas de escolha das roupas e, por outro, uma forma de não fazer desfeita com a primeira-dama, aceitando as roupas fornecidas por ela.

Segundo Michel de Foucault, [...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia

precisa (FOUCAULT, 2012, p.360). Percebemos assim que, apesar das prostitutas não desfilarem mais seminuas ser considerado como uma forma de repressão, o ato de D. Maria de Odila mandar confeccionar roupas que agradariam as prostitutas do bloco *Ferro Vei* – diferentemente das roupas fornecidas pela primeira-dama – demonstra certa resistência à essa repressão. Parafraseando Michel de Certeau, “trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das ‘ações’ que o fraco pode empreender” (CERTEAU, 2012, p.91). Nesse sentido, D. Maria de Odila não rejeita e nem modifica a situação, mas empreende *astuciosamente* uma ação que, na medida do possível, lhe era mais favorável. Assim, na medida em que D. Maria de Odila manda produzir roupas ao gosto das prostitutas, ela fornece uma forma de resistência contra essa interferência.

Segundo D. Maria de Odila, muitas pessoas – inclusive ela, mas principalmente os homens – se desagradaram dessa mudança, pois na televisão é comum as mulheres aparecerem seminuas e muitos até deixaram de participar e ajudar financeiramente o Bloco *Ferro Vei*.

Não eu não achei muito a mudança melhor, porque sempre meu carnaval quem me ajuda é os rapaz da rua, é o fí de Nazaré, é esses menino aí da rua, esses estudante e com essas mudança eles num gostaram, eles num gostava não, porque disse que nunca se viu carnaval..., porque a gente se vê carnaval saindo aí na televisão, o jeito que as mulher saí, aí a mulher de Moura só quer que elas saísse bem vestida... aí eles num gostaram da mudança não, tanto que teve deles agora que não me ajudou. Porque eles queria... que as mulher saísse de biquíni, corpete, de sutiã, solta, só pintada. (MORAES, 2013)

Alguns, afirmam que o fato de as prostitutas desfilarem seminuas era uma característica tradicional do bloco e que não precisava ser mudada e, por isso, alguns perderam o entusiasmo de participar dos desfiles.

Eu[...]acho que não foi legal não. É tanto que, com, com...essas mudanças...é...algumas pessoas deixaram de ir, de ir. É o seguinte: quando você participa de uma coisa de uma forma e de repente essa, essa coisa muda, que não precisaria ser mudada, você é...perde o pique, você perde o entusiasmo de participar de novo, entendeu? É isso, é por aí. (CARVALHO, 2013)

D. Maria de Odila corrobora com essa visão afirmando que muitos homens e rapazes que vinham de outras cidades para passar o carnaval na Inhuma deixaram de participar e/ou acompanhar justamente por conta dessa mudança.

[...] Agora or menino diz bermassim: *D. Maria o carnaval da senhora tá acabando, porque, por quê é? Porque a gente perdeu o gosto de acompanhar. Você perdeu o gosto de acompanhar. Porque esse broco da senhora, a gente já vem de longe pra assistir e agora ar mulher tudo vestida, tudo bem vestida, tudo num sei o quê. A gente achava bunito era ar mulher de biquim, de sutião, era de roupa...aberta assim costada aquelas tira, aberta* [Grifo Nosso]. (MORAES, 2012)

O fato de as prostitutas desfilarem por muitos anos de uma maneira – seminuas – transformou-se em um costume nos carnavais de Inhuma e teve muita aceitação, principalmente por boa parte da população masculina. No entanto, essa mesma população se descontentou com o fato de as mulheres não desfilarem mais seminuas.

Nos últimos carnavais também foi perceptível a redução significativa da quantidade de prostitutas nos desfiles do Bloco *Ferro Vei*. Se antes não havia uma grande quantidade de prostitutas nos desfiles, hoje a quantidade é bem inferior. Talvez essa redução seja por conta da própria diminuição do número de prostitutas no município, fenômeno que pode ser explicado pela própria liberalização sexual, conforme o relato a seguir:

A prostituição perdeu destaque em nosso município visto que a liberação sexual nos últimos tempos tem avançado com a globalização. Antigamente os adolescentes eram incentivados a terem suas primeiras relações com prostitutas, já que também as moças eram mais preservadas e só podiam ter relações sexuais depois do casamento. (COSTA, 2013)

Essa justificativa pode ser plausível pelo fato de que D. Maria de Odila costumava ir até outras cidades em busca de prostitutas para desfilarem no bloco *Ferro Vei* visto que, atualmente, o estabelecimento dela funciona mais como bar do que como cabaré. Esporadicamente, algumas mulheres alugam um quarto do *Ferro Vei* para combinar encontros e fazer programas, fato que se dá principalmente na segunda, dia de feira na cidade em que há uma grande circulação de pessoas nas ruas, bares e cabarés.

4.3 O *Vai quem quer* e a participação dos cidadãos nos desfiles

O nome do bloco de carnaval de D. Maria de Odila é popularmente conhecido como *Ferro Vei*, porém, a partir de 2009, o bloco segue o trajeto dos desfiles tendo uma faixa à frente intitulada de *Vai quem quer*, como podemos ver na ilustração abaixo.



Ilustração 11: Desfile do Bloco *Vai quem quer*, antigo *Ferro Vei*, no ano de 2009.
Fonte: www.portalpovo.com.br

Vai quem quer seria o novo nome do bloco. Contudo, ao contrário do que muitos pensam, essa mudança não foi resultante de uma interferência da nova administração municipal da cidade, pois, como já foi dito anteriormente, o bloco já teve vários nomes e a alteração do nome do bloco foi uma ideia que partiu da própria D. Maria de Odila. “Agora de Moura pra cá foi que eu butei de *Vai quem quer*, que já foi logo dizem vai quem quer (risos), né?” (MORAES, 2013). Muito embora, apesar da mudança do nome do bloco ter sido uma ideia da fundadora do bloco, algumas pessoas discordaram e continuaram a denominá-lo pelo antigo nome.

[...] a questão do nome também, que não adianta botar lá bloco “Vai quem quer” que o pessoal sempre chama de “Ferro Vei”, que vai ser mantido e não adianta não, é isso aí, vai ser mantido e tem que ser mantido. As tradições, a cultura, ela tem que ser, ela tem que ser é, é...melhorada, mas mantendo a tradição. Tem que ver como é que se pode melhorar pra fazer aquilo, mas sempre mantendo o básico da coisa, né, disso. (CARVALHO, 2013)

De acordo com o entrevistado, essa mudança foi desnecessária porque o antigo nome do bloco, *Ferro Vei*, é tradição e as tradições devem ser mantidas e que, por isso, não adiantou mudar o nome porque a população não se acostumou com o novo nome do bloco.

Além dessas mudanças, também foi perceptível que houve um aumento da participação e do acompanhamento das pessoas nos desfiles do bloco *Ferro Vei*, mas não se sabe se é por que os desfiles estão mais “comportados”, pois antes as mulheres desfilavam seminuas e hoje as poucas que desfilam, estão vestidas, ou se é porque as pessoas estão com a mente mais “aberta”.

Eu acho que foi por conta das pessoas que estão, tão com a mente mais aberta, né? O mundo tá...hoje tá no século XXI, cara, mudou muita coisa e hoje todo mundo tem acesso à, à...mídia, à televisão, computador e tudo. E não adianta os jovens, hoje, também eles são mais aberto assim de diálogo com os pais, né? Antes, antes os, os filhos tinham medo de conversar com os pais [...] Então os pais se preocupam mais em conversar com os filhos e então essa abertura de pai filho hoje de conversar e de ter mais liberdade, né, liberdade sadia. Ó porque se Tupac for saindo no Bloco do *Ferro Vei*, com certeza ele veio me avisar, dizer pra mim e pra mãe dele...E na época eu não dizia, não dizia ao meu pai e aí eu ia não dizia, porque talvez se eu fosse dizer ele, ele dizia pra eu não ir, então aquilo, eu tava com vontade de ir, eu ia logo. Então eu já tinha feito se a briga vier depois, eu já tinha feito, já tinha participado, entendeu? [Risos]. (CARVALHO, 2013)

O entrevistado, que já desfilou no bloco *Ferro Vei* vestido de mulher, na década de 1990, nos informa que antes não havia muito diálogo dentro da família e muitos iam assistir ou participar dos desfiles escondidos dos pais. Ele, por exemplo, quando foi participar do desfile vestido de mulher não avisou ao seu pai porque talvez este não deixaria e, então, ele preferia ir escondido. Segundo ele, hoje, há uma maior participação das pessoas nos desfiles por conta de uma maior abertura de diálogo entre pais e filhos e por conta da própria mudança na mentalidade dos primeiros. Mas, talvez, o fato de as prostitutas do Bloco *Ferro Vei* não desfilam mais seminuas pode ter contribuído para o aumento da participação dos cidadãos, haja vista que o bloco está mais adequado a um programa mais “respeitoso” e de “família”.

O entrevistado relata ainda que embora tenha aumentado a quantidade de pessoas que acompanham o bloco, não se tem mais a empolgação que tinha antes, porque nem todas as pessoas que participam/acompanham os desfiles ingerem bebidas alcólicas, fator muito comum em desfiles de anos bem anteriores que contribuía para que as pessoas ficassem mais desinibidas e entusiasmadas.

Antes as pessoas que acompanhavam no meio, é mais era jovem e se tivesse alguma pessoa...e mais jovem e bebendo, entendeu? De qualquer forma quase todo mundo estava bebendo. E hoje não, hoje já, as pessoas já... só caminham atrás né mesmo sem beber, muita gente. Eu acho que hoje tem mais gente, tem mais gente, mas não tão empolgante quanto antes, pouco empolgado. (CARVALHO, 2013)

Antigamente, a maior participação nos desfiles do bloco era masculina, principalmente jovens, que acompanhava os desfiles e se embriagava bastante. Hoje, em dia participam mulheres, homens, crianças, adolescentes e as pessoas mais idosas assistem de suas calçadas. “No começo eram os rapazes, eram os homens que acompanhavam e nos anos seguintes, já era a juventude de um modo geral, entre homens e mulheres. A cidade quase...

que inteira, a parte de quem gostava do carnaval acompanhava o bloco do, do *Ferro Vei*” (LEAL, 2013).

Outra mudança que houve no bloco é que a cada ano aumenta ainda mais o número de homens travestidos: “O que a gente observa é que...cada, cada ano que passa está aumentando os homens que se vestem de mulher...para participar do carnaval [...] Então, nos últimos anos, eu tenho observado que...tá aumentando...tá crescendo o número de homens que se vestem de mulher” (LEAL, 2013).



Ilustração 12: Rapazes travestidos nos desfiles do Bloco *Ferro Vei*, em 2009

Fonte: www.portalopovo.com.br

Embora o número de prostitutas tenha sido reduzido, o número de homens que se vestem de mulher aumentou significativamente, sendo que no percurso dos desfiles eles são, talvez, mais percebidos do que as prostitutas. A própria redução do número de mulheres e o fato delas não desfilarem mais seminuas fez com que elas perdessem visibilidade dando espaço aos homens travestidos que, hoje, são o centro das atenções durante os desfiles.

Assim sendo, percebemos que houve algumas mudanças que já vinham ocorrendo ao longo do tempo, como a questão de introduzir o carro de som nos desfiles, e outras que foram produzidas a partir de 2009, com uma nova administração municipal na cidade – o fato de as prostitutas não desfilarem mais seminuas. Com relação à alteração do nome do bloco de *Ferro Vei* para *Vai quem quer* não houve muita aceitação, pois boa parte da população continua a chamá-lo pelo nome antigo, rememorando o nome do próprio cabaré, que deu origem ao nome do bloco. O fato é que o bloco *Ferro Vei* perdeu suas características mais significativas e isso foi percebido pelos inúmeros repercutindo na própria participação dos cidadãos e visitantes que acompanhavam o bloco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bloco *Ferro Vei* é, de fato, uma das peculiaridades de Inhuma-Piauí na medida em que foi um bloco de carnaval criado por prostitutas com o intuito de adquirirem um espaço – as ruas – e um meio de se manifestarem – através dos desfiles. Mas o que é mais peculiar e inusitado é o fato de que, talvez, seja a única cidade da macrorregião e até mesmo do Estado do Piauí, onde as prostitutas daquele bloco desfilavam seminuas, até o ano de 2009, e a população quando não participava dos desfiles, aguardava nas calçadas e nas esquinas para assisti-los.

Durante o carnaval, as prostitutas que desfilavam no bloco *Ferro Vei* assumiam um protagonismo muito grande, na medida em que os cidadãos quando não participavam dos desfiles, observavam-nos das calçadas, esquinas e praças. Esse protagonismo justifica-se pelo fato de que o carnaval permite deslocamentos e inversões de valores, sentido e significado das coisas e das pessoas, características que são típicas dessa festividade. Contudo, esse protagonismo só se dava no carnaval, pois durante o ano inteiro elas eram/são sujeitos marginalizados.

Assim, os preconceitos não deixam/deixavam de existir por quatro dias no ano, mas a alegria do carnaval contagia/contagiava tanto as pessoas que algumas atitudes e preconceitos cotidianos ficam/ficavam inibidos e omitidos momentaneamente. Após o carnaval, as prostitutas são “esquecidas”, negligenciadas e marginalizadas socialmente.

Constituindo-se como uma peculiaridade e um elemento integrante da cultura da cidade de Inhuma-Piauí, o bloco *Ferro Vei* é o carnaval mais antigo e mais popular da cidade. Alguns afirmam que caso os desfiles do bloco deixem de ocorrer, o carnaval da cidade não será a mesma coisa de antes.

Portanto, tanto o cabaré como o bloco de carnaval, ambos intitulados popularmente de *Ferro Vei*, fazem parte da história da cidade Inhuma e as reminiscências que os permeiam nos fornecem uma possibilidade de perceber as práticas dos cidadãos de Inhuma no que diz respeito aos valores, normas e padrões sociais.

FONTES E REFERÊNCIAS

a) Fontes orais

CARVALHO, Francisco Adailson Araújo de. *Entrevista concedida à Ellen Grazielle de Sousa Didi*. Inhumá-PI, 02 de janeiro de 2013.

COSTA, Dina Elma de Jesus. *Entrevista concedida à Ellen Grazielle de Sousa Didi*. Inhumá-PI, 09 de agosto de 2013.

LEAL, Alilo de Sousa. *Entrevista concedida à Ellen Grazielle de Sousa Didi*. Inhumá-PI, 30 de março de 2013.

MORAES, Maria Mercês de. *Entrevista concedida à Ellen Grazielle de Sousa Didi*. Inhumá-PI, 05 de abril de 2012.

_____. *Entrevista concedida à Ellen Grazielle de Sousa Didi*. Inhumá-PI, 04 de janeiro de 2013.

RUFINO, José Airton. *Entrevista concedida à Ellen Grazielle de Sousa Didi*. Inhumá-PI, 04 de janeiro de 2013.

b) Monografias e dissertações

ALMONDES, Carmina Cândido de. *As transformações urbanas ocorridas em Inhumá-Pi após sua emancipação política (1954-1977)*. Monografia. Universidade Federal do Piauí, Picos-Pi, 2012.

ARAÚJO, Ilma da Silva. *O carnaval de rua em São Luís: transformação e forma de expressão (1950 a 1970)*. Monografia. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís-Ma, 2005.

FILHO, Bernardo Sá Filho. *Cartografias do Prazer: Prostituição e Boemia em Teresina (1930-1970)*. Dissertação. Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2006.

HOLANDA, Vânia Maria Gonçalves de. *História e memória do bordel Ferro Velho na cidade de Inhumá-Pi (1984-2010)*. Monografia. Universidade Estadual do Piauí, Oeiras-PI, 2013.

MUNIZ, Rodrigo. *Carnaval de Itabuna: Memória, Identidade e Turismo*. Dissertação. Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-BA, 2008.

PINHEIRO, Marília Alves. *Memórias do meretrício: discursos e sociabilidades da prostituição picoense nas décadas de 1950 e 1960*. Monografia. Universidade federal do Piauí, Picos-PI, 2012.

c) Livros, Capítulos de livros e Revistas

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: ALBERTI, Verena; BACELLAR, Carlos; BORGES, Vavy Pacheco *et al.* *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma História do Gênero Masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Catavento, 2003.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre identidade masculina*. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: A experiência vivida*. 2ªed. Tradução: Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4ª ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História?* 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800. In: *O mundo do carnaval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: A condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

_____. *Historia e masculinidades: a prática escriturística dos literários e as vivencias masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 19ª ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DA MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira. O carnaval em Teresina. In: *História de vário feitio e circunstância*. João Kennedy Eugênio. (Org). Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

EDUCANDO E CONSTRUINDO. *Inhuma*. Inhuma-PI. Edição especial, 2008, p 01-42.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 8ª ed. Tradução: Maria Thereza de Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

- _____. *Microfísica do Poder*. 25^a ed. Tradução: Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.
- JENKIS, Keith. *A História repensada*. 3^a ed. Tradução: Mario Vilela. São Paulo: Contexto, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5^a ed. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- OLIVEIRA, Stanley Bráz de. Prostituição Feminina: História e Territorialidades no espaço urbano de Teresina. In: FRANCO, Cassandra Maria Bastos; SANTANA, José Rogério; SILVA, Samara Mendes Araújo *et al.* (Org.). *Lápis, Agulhas e amores: História das mulheres na contemporaneidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- PESAVENTO, Sanda Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, vol 27, nº 53, junho de 2007, p. 11-23
- _____. *História e Nova História Cultural*. 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil: 1890-1930)*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. *Os prazeres de Noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SOIHET, Rachel de. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino. In: MATOS, Maria Izilda Sousa de; SOIHET, Rachel de. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VASCONCELOS, José Geraldo. Territórios de prazer, moral e prostituição. In: FRANCO, Cassandra Maria Bastos; SANTANA, José Rogério; SILVA, Samara Mendes Araújo *et al.* (Org.). *Lápis, Agulhas e amores: História das mulheres na contemporaneidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

d) Artigos e Revistas encontrados em meio eletrônico e páginas de sites

- FÁVERI, Marlene de. *Mercado do sexo e códigos urbanos no Tempo Presente*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org>>. Acesso em: 14 de agosto de 2013.
- MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. Família às avessas: Uma reflexão em torno da história oral e memória. *História e Perspectivas*. Uberlândia, 115-136, janeiro-junho de 2010.

Disponível:<<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaeperspectivas/artcle/download/.../1038>>. Acesso em 04 de setembro de 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Tradução: Monique Augras. Disponível em: <<http://reviravoltadesign.com>>. Acesso em: 07 de julho de 2013.

_____. Memória, silêncio e esquecimento. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 2, n.3, 1989, p.3-15. Disponível em: <<http://www.uel.br>>. Acesso em: 05 de junho de 2013.

PISCITELLI, Adriana. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana*. Rio de Janeiro: CLAM-UERJ, 2009, p. 177-201. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br>>. Acesso em: 30 de agosto de 2013.

SOIHET, Rachel de. Reflexões sobre o carnaval na historiografia. *Tempo 7*. Junho de 1998. Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br>>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

INHUMA-PIAUI. HISTÓRICO. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: julho de 2013.

CARNAVAL 2009. DR. MOURA PROMOVE GRANDE CARNAVAL EM INHUMA. *Portal o Povo*. Disponível em: <<http://www.portalopovo.com.br>>. Acesso em julho de 2013.